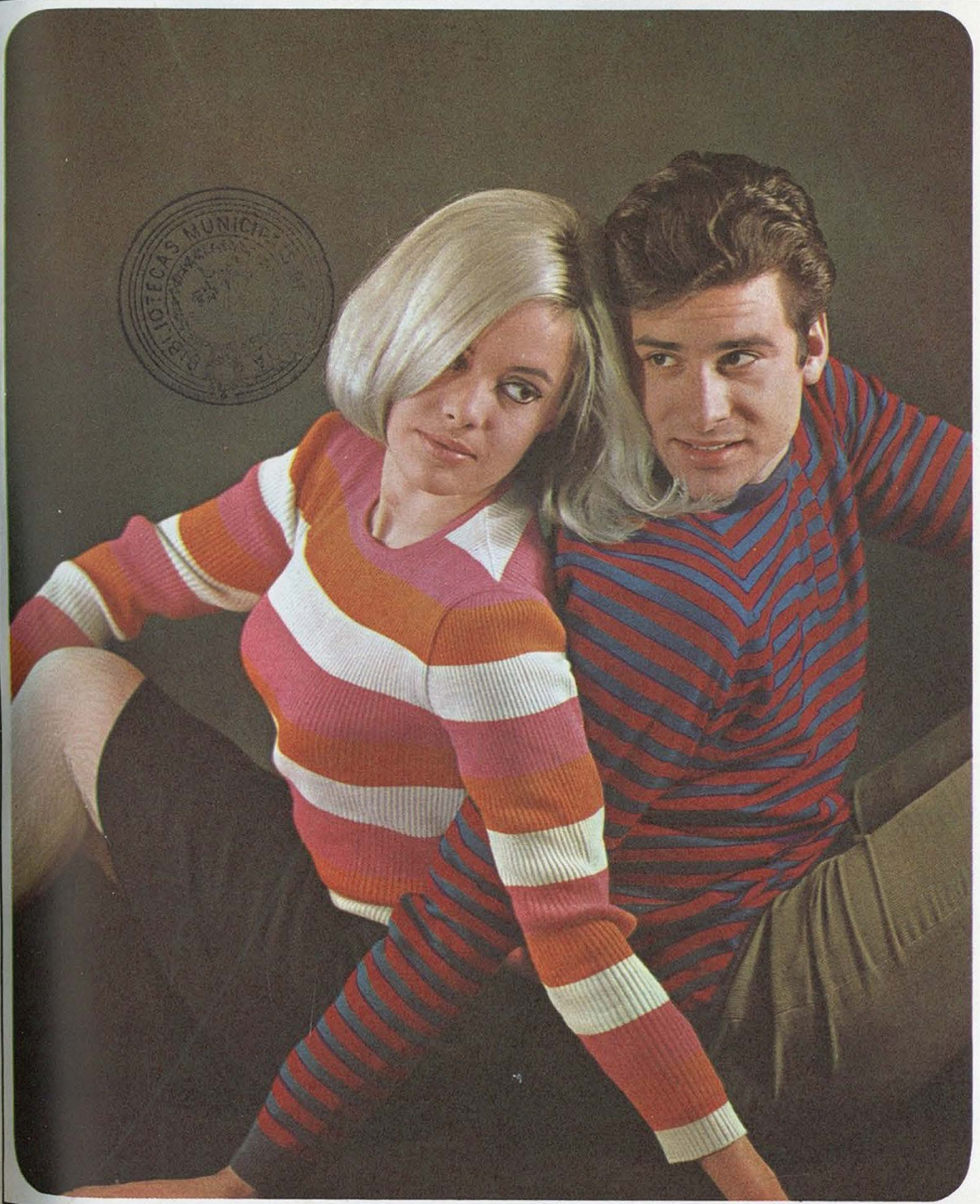


DEPÓSITO LEGAL
- 0. MAI 1967

AS **VEDETAS** ANÔNIMAS PORTUGUESAS

evá

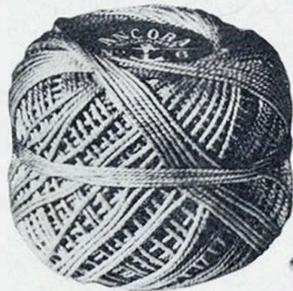




dê-lhe uma prenda de valor incalculável...

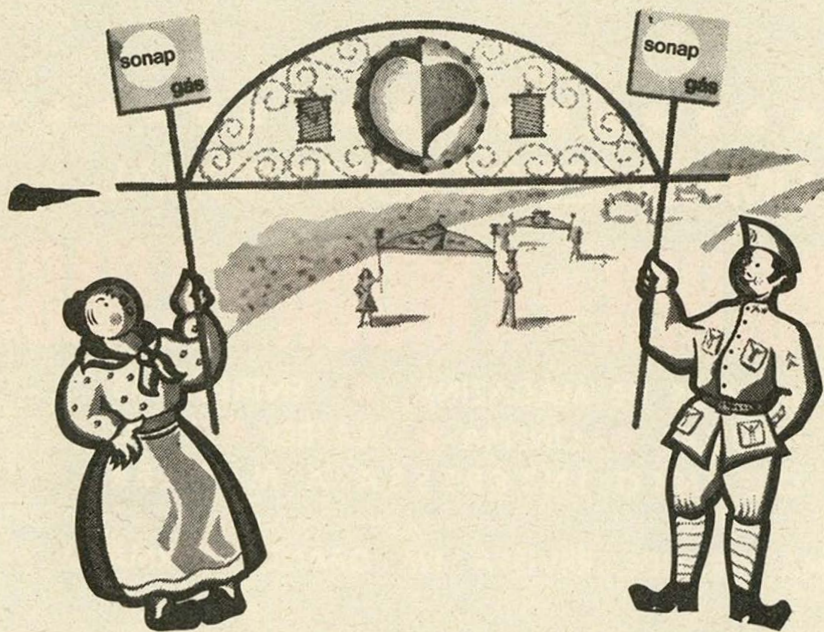
...a arte de bordar com Âncora!

As linhas Âncora têm alguma coisa de muito especial. Algo que dá ao trabalho acabado mais brilho, mais cor e o torna mais atraente. Será talvez porque as linhas Âncora se fabricam numa gama maravilhosa de cores firmes? Ou ainda porque são macias, lustrosas e resistentes? Seja como for, é um gosto trabalhar com elas. Há uma variedade de linhas de bordar Âncora para trabalhos dos mais delicados desenhos até aos que se fazem nos tecidos mais grossos. Por isso, dê-lhe linhas Âncora e deixe-a escolher dentre os muitos modelos de bordados Âncora. Um dia virá em que será ela a fazer o mesmo para a sua própria filha.



ÂNCORA
linhas de bordar

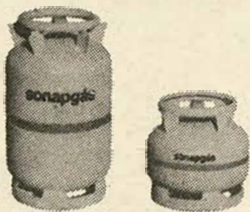
festa rija
com maria botija



faça agora o
seu contrato
e receba a oferta
do conteúdo de 1 garrafa de

sonapgás

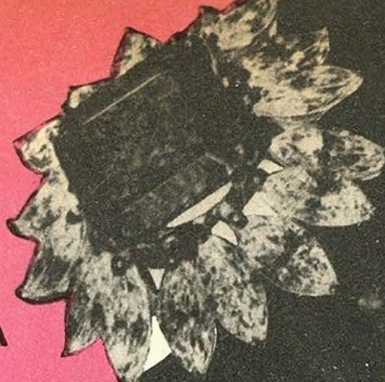
uma chama mais quente



eva

ESPECIAL

PRIMAVERA



À VENDA
EM TODO
O PAÍS



UM NÚMERO EXCEPCIONAL

A MULHER * A MODA * A CASA

ARTIGOS DE MAGAZINE ● ENTREVISTAS
NOVELAS ● CINEMA ● TEATRO ● TUDO
QUANTO INTERESSA À MULHER

UMA GRANDE REVISTA EM GRANDE FORMATO

96 PÁGINAS ● 16 A CORES

PREÇO: 12\$50





«E perdoai à mamã, ela estar sempre a ralhar consigo. Ela não tem a culpa de ser uma boa velhinha que adora as crianças».



«Vai tu dizer-lhe que são horas de ir para a cama».



«Manda-os tu embora, Eu não posso. Elegeram-me Miss Mundo!»



«A primeira coisa a aprender é que nunca devemos bater nas meninas que têm mães assim».

o que se viu o que se ouviu o que se leu

FESTIVAL SANTARENO

Em teatro, o mês de Maio veio sob a égide de Bernardo Santareno. Com duas peças simultaneamente em cena — facto que raramente acontece a qualquer dramaturgo — o autor de «A Promessa» e «António Marinheiro» viu finalmente fazer-se-lhe justiça por parte do público e da gente do palco.

«A Promessa», que tem já um número recorde de casas cheias no Monumental é uma obra da maior importância no nosso teatro contemporâneo e uma das mais significativas do estilo de Santareno. António Pedro, esse saudoso cavaleiro da arte de representar, foi das vozes mais veementes a assinalar a categoria deste drama e a autenticidade do autor. Hoje, passados dez anos, coube a Paulo Renato a difícil e alicianante tarefa de tornar «A Promessa» numa admirável realidade de espectáculo. Ei-la pois em cena, inteligentemente dirigida e montada, e erguida a grande altura de representação por Rui de Carvalho, José de Castro e Laura Alves, nos principais papéis. Uma iniciativa de aplaudir de pé. E uma palavra de parabéns a Vasco Morgado, que

realmente sabe mobilizar público, como ninguém antes dele, e servir o bom teatro sempre que quer.

«António Marinheiro» é outro êxito de Santareno e nosso — os adeptos de bons espectáculos verdadeiramente portugueses. Encontrámos Luís Francisco Rebello e preferimos dar-lhe a palavra. Ninguém mais abalizado do que o autor de «O Dia Seguinte» para falar de Santareno do «António Marinheiro. Ei-la, pois:

«Eu considero a representação de «António Marinheiro» pela Companhia Portuguesa de Comediantes um dos acontecimentos mais importantes do teatro português dos últimos anos. Direi até que o mais importante, na medida em que este espectáculo excepcional foi realizado a partir de um texto de autor nacional. Não sendo a melhor peça de Santareno (lugar que reservo umas vezes para a «Promessa», outras para o «João Agonia», ela dó-nos todavia um testemunho irrecusável do génio criador, da impetuosa pulsação dramática, do estilo opulento deste autor. Faltava contudo, até aqui, no seu teatro a consagração (e sobretudo a experiência decisiva) do palco: após oito anos de exílio, essa

injustiça foi reparada — e em que admiráveis condições! Não creio que em parte nenhuma possa representar-se melhor, com uma dádiva mais inteira de si próprios, do que o fizeram Eunice, Lalande e João Perry; e poucas vezes terei sentido, como ao vê-los interpretar as personagens de Santareno, o arrepio trágico que este espectáculo me provocou.»



● Yevutschenko, «l'enfant terrible» da poesia soviética veio a Portugal. Viu o Papa em Fátima e viu os escritores portugueses em Lisboa. É um «bon vivant» que gostou da Espanha por causa das mulheres, dos touros e da literatura e que bebeu e bem com o académico José Maria Penón.

Aqui, em Portugal, fez o mesmo: recitou, bebeu bem, e preocupou-se com a nossa literatura. Adorou o nosso vinho tinto. Disse, entre outras coisas, que se vivesse aqui o dinheiro dos seus direitos autorais (que andam por 600 contos por cada livro que escreve) não lhe chegariam para comer... porque só beberia.

livro livro livro

«O Dia Cinzento», de Mário Dionísio, reapareceu em 2.^a edição. Foi sucesso em 1944 quando apareceu. Está sendo êxito agora e motivo da maior admiração: O livro mostra-se tão actual e fresco como quando foi publicado pela primeira vez. Por seu turno, o pintor Júlio Pomar prestou-lhe homenagem com uma ilustração com que abre o volume. A crítica também: dizendo de sua justiça com entusiasmo. Dois dos nossos maiores romancistas vêm depor, a propósito.

Carlos de Oliveira:

«Um livro inovador: tendência para diluir as «histórias» no ambiente e na obsessão de certos pormenores; técnica desenvolta e deslitteratizante; verdadeiras surpresas nalguns temas; combate à inflação lírica do momento, tanto quanto era então possível, etc. Prenúncios de coisas futuras. Além disso, duas ou três narrativas de promessa água. Entre elas, uma pequena obra-prima do conto português contemporâneo: Assobiando à vontade.»

E Vergílio Ferreira:

«Escandalizou algum tanto, este «O Dia Cinzento», quando apareceu: ele excedia, pela

sua temática, certa estreiteza humanista então em voga. Mas é o que foi ontem uma razão de escândalo que é hoje precisamente uma razão de apreço.»



● Correu que Pedro Homem de Mello ia, finalmente, demonstrar como é variado o folclore em Portugal.

● Diz-se que vai abrir um novo café no Chiado, visto que a Brasileira está cada vez mais fechada a quem não tiver «cunhas» para arranjar lugar.

● Também se dizem outras barbaridades sempre que se vê passar uma (tímida, claro!) mini-saia.

● E os elogios do costume à «Agenda da Praça».

● Ferlinghetti, um dos maiores poetas dos USA, é descendente de portugueses. Segundo o «Penguin New Writing» a sua família, pelo lado materno, tem o apelido Mendes Monsanto. John dos Passos, outra celebridade universal, é também neto de portugueses que emigraram do Madeira.

«O meu Funeral em Berlim» que esteve no Império é, bem visto, bem visto, o funeral de James Bond e a consagração de Michael Caine. Este é um detective com humor, cheio de subtilidade e verdadeiramente humano. 007 é o contrário. Coda qual tem o seu público, mas a espionagem do homem de «O Coso Ipress» convence mais e é mais imoginativo. Bang! Bang!



Nem sempre tudo corre mal ali para os lados do Lumiar. E esta primeira quinzena de Maio outra virtude não tivesse merecia aplausos televisivos por essa magnífica sessão (repartida em três emissões) que foi a transmissão de «O Messias» de Haendel todo ele um poema de beleza. Foram momentos de raro prazer esses em que Tibor Paul dirigiu com maestria solistas, coros e orquestra.

É comum dizer-se que o nosso povo não gosta de música. Objecto entretanto: naturalmente ninguém gosta daquilo que não conhece tal como é difícil acreditar

(Continua na pág. 69)

ASTROLOGIA

PREVISÕES ASTROLÓGICAS PARA O MÊS DE JUNHO



Aries
20 3 a 20 4

Os assuntos de natureza financeira proporcionar-lhe-ão excelentes resultados durante o mês em curso, graças sobretudo à acção verdadeiramente inteligente que saberá desenvolver. A sua situação profissional acusa uma melhoria bastante acentuada; é mesmo possível que venha a ser atingida com uma honraria ou elevadas provas de consideração.



Taurus
21/4 a 21/5

Este é o momento indicado para tirar partido das suas relações de amizade com uma pessoa influente, altamente colocada, que alimenta uma grande benevolência em relação a si e que só deseja prestar-lhe auxílio. O período é igualmente muito favorável para deslocações de qualquer género, que lhe proporcionarão resultados muito compensadores.



Gemini
22/5 a 21 6

As esperanças que alimenta no terreno sentimental tomarão um aspecto concreto durante este mês, e é mesmo provável que possam realizar-se de acordo com os seus desejos mais íntimos. A sorte protege-a durante este mês no que se refere ao jogo, mas os seus êxitos serão de curta duração, pelo que será aconselhável que saiba parar a tempo.



Cancer
22/6 a 22 7

Tem muitas probabilidades de poder realizar, de maneira extremamente rápida, um projecto de natureza sentimental ao qual atribui grande importância. Por outro lado são possíveis algumas complicações e aborrecimentos na sua vida familiar, no ambiente doméstico, onde a saúde dum dos seus parentes poderá causar-lhe sérias preocupações e cuidados.



Leo
23/7 a 22/8

Se aprecia as honrarias, as atenções dos outros, as distinções ou os postos elevados, esta é a altura mais favorável para conseguir atingir os seus objectivos, embora tenha de fazer frente a algumas invejas, que se manifestarão sobretudo no seu ambiente profissional. Se tiver de fazer qualquer viagem use de muita prudência, pois está exposta a contrariedades nesse capítulo.



Virgo
23/8 a 22/9

Terá tendência a sofrer de perturbações de natureza digestiva, durante este mês; vigie portanto com todo o cuidado o seu regime alimentar, de modo a evitar complicações nesse capítulo. No campo das suas actividades profissionais e financeiras o período é favorável; estará em condições de levar a bom termo um problema que a tem preocupado muito.



Libra
23/9 a 22/10

Excelentes motivos de satisfação lhe reserva este mês, tanto na vida familiar como nos seus assuntos de natureza sentimental, sectores nos quais reinará um ambiente de excelente harmonia e entendimento. As suas actividades profissionais serão igualmente favorecidas, sendo provável algum ganho inesperado. A saúde é o único ponto desfavorável, que convém vigiar.



Scorpius
23/10 a 21/11

Terá a possibilidade de criar novas relações, durante este mês, sobretudo se souber proceder de maneira a fazer realçar os aspectos mais favoráveis da sua personalidade. Sob o ponto de vista material, pecuniário, a sorte protege os seus interesses de maneira bastante firme; as suas actividades e empreendimentos proporcionar-lhe-ão portanto excelentes resultados.



Sagittarius
22/11 a 21/12

Encontra-se actualmente num período bastante favorável; é possível que venha a efectuar nesta altura uma mudança, com excelentes resultados, especialmente no capítulo profissional. No campo dos seus assuntos sentimentais será igualmente bastante feliz; precisa no entanto dar provas de perfeito equilíbrio no seu comportamento.



Capricornus
22/12 a 20/1

Registrará durante o mês em curso um progresso apreciável no desenvolvimento dos seus assuntos e actividades de natureza profissional e pecuniária. No entanto procure proceder com diplomacia, evitando, na medida do possível, todas as possibilidades de conflitos, especialmente com um seu superior que parece alimentar a seu respeito intenções hostis.



Aquarius
21/1 a 19/2

O período é muito favorável para esclarecer e solucionar qualquer problema de natureza familiar ou doméstica que a preocupe, sobretudo se se trata de questões económicas. No capítulo profissional irá progredindo de maneira lenta mas bastante segura; é possível que consiga realizar, de maneira bastante súbita, um projecto já muito antigo.



Piscis
20/2 a 20/3

Apesar dum certo nervosismo, devido em grande parte à constante tensão em que viverá durante este mês, poderá resolver alguns dos seus problemas mais importantes. No capítulo sentimental procure agir de maneira tanto quanto possível diplomática, maleável, pois só assim poderá evitar que este mês seja marcado por contrariedades e desgostos.

O SIGNO DE TAURUS E O AMOR

O estudo das suas influências astrológicas de nascimento, analisadas sob o ponto de vista amoroso, permitiu-nos chegar às seguintes conclusões acerca das suas tendências nesse capítulo:

A sua maneira de ser, as suas atitudes na vida em geral e no plano amoroso em particular, são principalmente determinadas pelas características mais importantes da sua personalidade: uma acentuada predisposição para as impressões móveis e fugazes e uma grande amplidão do campo de consciência. Em virtude destas tendências, as impressões criadas em si pelo seu contacto com a vida são rápidas, imediatas, mas não se mantêm, desaparecem logo em seguida sem deixar rasto; a sua atenção espalha-se, estende-se sobre uma enorme variedade de solicitações e de assuntos, e isso tem como resultado um pouco de distração, de indeterminação.

Como consequência da mobilidade das suas impressões, as suas emoções bastante fortes, são no entanto geralmente curtas, em breve substituídas pelo esquecimento. É um tanto inconstante nas simpatias, aprecia sobretudo a variedade de impressões, de contactos, de experiências. Ama o movimento, as mudanças e alterações, e interessa-se sobretudo pelos resultados imediatos.

As suas reacções são rápidas, prontas, e as suas atitudes são em geral flexíveis, elásticas, cheias de facilidade e à-vontade. O contacto consigo é fácil e agradável graças ao seu espírito jovem e alegre, que só em certos momentos é turvado pela impaciência. Possui um extraordinário poder de adaptação, sente-se à-vontade em todas as circunstâncias, senhora de todas as situações.

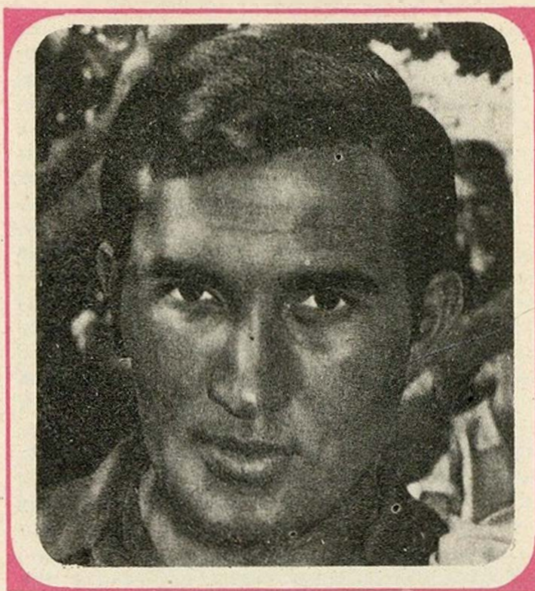
Na sua natureza interior, a sensualidade, os factores puramente físicos e instintivos, são dominados pelos factores mentais. Os seus sentimentos são refinados, marcados pelo espírito de juventude, mas são geralmente dominados pela inteligência, de modo que a sua natureza é pouco inclinada às grandes paixões, das quais, consciente ou inconscientemente, procura defender-se.

Essa defesa faz-se sobretudo por meio duma racionalização dos seus sentimentos. De certo modo tenta neutralizar e dominar as suas emoções, tempera-as pelo jogo do espírito, e defende-se da paixão por meio da ironia.

À sua natureza emotiva está ligado um certo poder de sedução, de modo que pode, involuntariamente, fazer sofrer algumas pessoas que se prendam a si.

A ironia, a dúvida e o cepticismo são as suas principais defesas contra o amor, do qual se defende muitas vezes pondo-o a ridículo.

Na adolescência, a sua exteriorização amorosa era sobretudo determinada pela necessidade de multiplicar os seus contactos com o sexo oposto, numa espécie de tentativa de provar a sua maturidade. Essa etapa é geralmente ultrapassada, evidentemente, mas há casos em que isso não sucede, e então o amor ficará sempre sendo considerado



ANTÓNIO MOURÃO - 5 de Junho

como um jogo, com os inconvenientes que facilmente se depreendem.

A sua natureza é muito mais nervosa do que sensual, e assim as suas emoções são vivas mas fugitivas, instáveis. O seu forte instinto de curiosidade dá origem a que por vezes deseje variar as suas relações sentimentais, e assim o «flirt» é uma forte tentação para si.

De certo modo, sente, intimamente, que não pertence a ninguém, e isto, conjugado com a flexibilidade do seu carácter e com a sua inteligência compreensiva, dá origem a que por vezes tenha dificuldade em recusar, em afastar terminantemente um pretendente, tanto mais que a sua vida afectiva íntima está muito escondida, oculta no fundo de si própria.

A sua atitude em face do amor é em primeiro lugar de pura curiosidade, e é por esse motivo que por vezes pode deixar-se tentar pela aventura, e dificilmente resiste ao apelo do desconhecido. Esta é outras das causas fundamentais da sua instabilidade amorosa, e afectiva, de maneira geral, da dualidade sentimental que se nota em si.

Tem portanto uma certa dificuldade em fazer uma escolha decisiva, definitiva, preferindo muitas vezes refugiar-se nas soluções provisórias, passageiras, atitude que esconde uma certa dificuldade em amar profundamente, ou pelo menos uma fuga perante o compromisso amoroso.

Vive num universo de emoções vivas, inúmeras, variadas. Vibra intensamente na descoberta do

ASTROLOGIA

mundo do amor, mas tem necessidade de excitações contínuas. Sucedem-se continuamente, como num filme, as alegrias e as penas, que embora efémeras não deixam de ser vivamente sentidas.

O seu nervosismo por vezes excessivo, a sua necessidade de renovação, de mudanças, a sua instabilidade psíquica, a superficialidade e influenciabilidade que por vezes se notam em si, não impedem que seja bastante simpática, que possua uma maneira de ser muito agradável, embora as suas características íntimas, as suas atitudes e gestos em geral, sejam bastante difíceis de compreender para as outras pessoas.

Adapta-se com facilidade a todas as situações amorosas, patenteando compreensão, tolerância e sobretudo uma grande presença de espírito e naturalidade em todas as fases do jogo amoroso. Reveste todas as fisionomias exigidas pelas circunstâncias e dispõe de uma grande variedade de recursos para fazer-se desculpar, sempre que haja motivos para isso. A diplomacia é uma das mais vincadas características da sua maneira de ser, no plano amoroso, e essa tendência é-lhe sem dúvida muito útil, visto que lhe permite muitas vezes solucionar problemas ou situações que com outras pessoas conduziriam ao rompimento.

As suas características fazem com que a sua companhia seja geralmente agradável, permitindo-lhe adaptar-se ao ritmo do seu companheiro, fre-

quentando as suas relações, interessando-se pelos seus assuntos, adoptando muitos dos seus gostos e preferências, prestando-lhe uma assistência e colaboração eficientes e agradáveis.

Muitas vezes enriquece a sua união dando-lhe um cunho de certo modo intelectual: um e outro partilham as mesmas ideias, participam das mesmas pesquisas e das mesmas alegrias do espírito, sobretudo quando dão às suas relações um toque fraterno, de camaradagem.

Detesta a rotina, e aprecia portanto as pessoas capazes de estimularem em si interesses sempre novos e de lhe proporcionarem variedade e originalidade até mesmo nos prazeres e diversões. A sua felicidade conjugal será maior se soube escolher, para partilhar a sua vida, uma pessoa dotada de agilidade mental, que dê mais importância aos dons do intelecto do que aos atractivos físicos, que além disso possua um temperamento dinâmico e agradável, amigo de diversões e movimento. Um homem assim permitir-lhe-á encontrar a sua unidade interior e assegurar a estabilidade da sua existência.

Finalmente, não esqueça que a fidelidade e afecto mútuos serão condições indispensáveis para a sua felicidade.

No próximo mês publicaremos a descrição das características das pessoas nascidas sob o Signo de «CANCER» de 22 de Junho a 22 de Julho.

FLORES, PERFUMES, CORES E TALISMÃS

Indicamos a seguir quais as flores que têm mais probabilidades de lhe agradarem e de lhe serem favoráveis, e igualmente a sua significação simbólica. Descrevemos ainda as cores, perfumes e pedras preciosas mais indicadas para si.

Cores: Azul e seus matices, Cinzento, Malva e Vermelho.

Perfumes: Benjoim e Verbena.

Pedras preciosas: Ametista, Esmeralda, Jacinto e Lápis-Lazúli.

Flor principal: O Narciso, simbolizando o egocentrismo, significa: «Esta flor lhe falará de mim».

OUTRAS FLORES E PLANTAS

A Balsamina: precipita o ritmo e diz: «Sou impactante».

A Buglosa: incita à mentira e diz: «Mentir alegremente será mentir?»

A Orquídea: flor feminina, inicia na presciência e diz: «Sei o que fará amanhã» ou «Amo o vosso espírito sibilino».

O Botão de Ouro: dá o gosto da fantasia, da elegância concisa, da submissão às regras literárias e diz: «Lemos juntos este belo poema».

Os Cactos: despertam o sentido do epigrama, da réplica impertinente e significam: «Tenha cuidado».

O Citiso: inspira curtos poemas de amor e diz: «Canto a vossa beleza».

O Cravo Violeta: facilita a dissertação sobre os temas que ultrapassam o real e diz: «Entremos juntos no mundo do maravilhoso».

O Íris Amarelo: suscita a eloquência breve e diz: «O Universo está à escuta».

O Junquilha: dá o amor das letras e diz: «Para si eu escrevi este soneto».

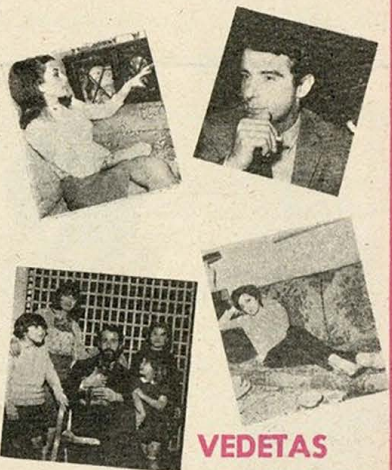
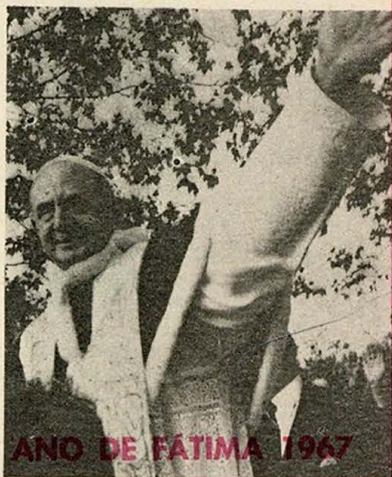
O Loureiro-Rosa: significa: «Só o génio pode subjugar-se».

O Mimulus Arlequin: dá o talento cénico e diz: «A minha fisionomia sabe exprimir tudo».

SUMÁRIO

N.º 1145 - Junho de 1967 - Preço 6\$00

- CONCURSO DO DISCO MISTÉRIO. do Teixeira, Dr. Vitor Direito e Vitor Santos.
- CULINARIA.
- AS VEJETAS ANONIMAS, uma reportagem de Santos Neves com fotos de José Teixeira.
- A PRINCESA E O DIPLOMATA.
- O QUE SE VIU, O QUE SE OUVIU, O QUE SE LEU.
- DECORAÇÃO.
- UM TESTE: É OPTIMISTA?
- 5 PAGINAS DE MODA.
- OS PROBLEMAS DA MULHER.
- BELEZA.
- HA 20 ANOS QUE AUDREY HEPBURN TEM 18.
- EU, SHIRLEY MAC LAINE.
- ROMANCE, um conto de George Bertoldi.
- ASTROLOGIA.
- UMA VOZ A MARGEM: Manuela Pinto Basto.
- NA CAPA: «DOIS ENTRE QUATRO» Irene Cruz e João Lourenço, dois dos mais destacados elementos de «Teatro para 4» que obteve grande êxito no Tivoli.
- CURIOSIDADES: ANTOINE, AZNAVOUR, SACHA DISTEL, IMPERATRIZES, PRINCESAS, E ESTRELAS, ETC.
- UM ROSTO HUMANO, por Carolina Homem Christo.
- MUSIC-BOX.
- SUA SANTIDADE O PAPA EM FATIMA.
- SER OU NAO SER JORNALISTA. Depoimento do Dr. Fernan-



EVA MAGAZINE MENSAL
Directora e Editora:
CAROLINA HOMEM CHRISTO

Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Lisboa. Administração: Telef. 32 75 07. Redacção: Telef. 36 76 74. Propriedade da Editorial Organizações, Limitada — Composição e Impressão de Bertrand (Irmãos), Limitada — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Telefones: PBX 2 13 68 e 2 12 27 — Lisboa.



Roma

**Roma espera por si
Um jacto da Canadian Pacific está ao seu dispor**

Roma ... coração do Itália e ponte para o Oriente. A grandiosidade da catedral de São Pedro ... o magio luminosa dos fontes: Roma espero por si!

A Canadian Pacific põe à sua disposição o rapidez e o conforto dos poderosos jactos Super DC-8. Tire vantagem da experiência de 80 anos de completo sistema de transportes em todo o Mundo.

Uma extenso rede de serviços, ligando o Europa, o Oriente e as Américas.

E agora ... com pessoal português o bordo, providenciando assistência e carinho muito especiais.



VOE *Canadian Pacific*

CONVOIOS / CAMIÕES / BARCOS / AVIÕES / HOTELIS / TELECOMUNICAÇÕES
O MAIS COMPLETO SISTEMA DE TRANSPORTES DO MUNDO

Consulte o seu agente de viagens ou a CANADIAN PACIFIC.

LISBOA — AV. DA LIBERDADE, 261 — TEL. 56192/3



» PIN-O-PON «

BANHO DE ESPUMA VITAMINADO

SCHWARZWALD — BADE — KOSMETIK

PINOPON É UMA COMPOSIÇÃO DE ÓLEOS ESSENCIAIS, EXTRATOS DE FENO, DE TRIGO, FLORES DE CAMOMILA, LECITINA, ÓLEOS DE GÉRMEN DE TRIGO E VITAMINA A.

OS BANHOS **PINOPON** TORNAM A PELE SAUDÁVEL, EVITANDO A FORMAÇÃO DE RUGAS E O ENVELHECIMENTO PREMATURO

À venda nos bons estabelecimentos em embalagens para 1, 5 e 10 banhos

Rep. para Portugal: CREFAR — Rua de Madalena, 171-2° — LISBOA

um rosto humano

Carolina
Homem Christo

Caridade! A caridade é incontestavelmente uma grande virtude. Mas será sempre caridade ou pelo menos bem compreendida, aquilo que muitas vezes designamos como tal?

Há dias, consultando os arquivos da «EVA» em busca de coisas diferentes veio-me à mão um recorte do «Diário Popular» não sei de quando por não estar anotada a data, que me impressionou e me fez pensar na forma porque ela se exerce frequentemente e não sei se chega mesmo a ser simples humanidade.

Tratava-se de Mercedes Blasco.

Os novos não devem saber quem foi esta mulher, e até muitos dos menos novos o não saberão, possivelmente. Estava muito esquecida dado que há bastantes anos artisticamente tinha desaparecido. Contudo era uma actriz de teatro parece que bastante notável, bonita, que escreveu uns tantos livros, inconformista, de espírito rebelde, não muito atilada, se quiserem, no sentido prático da vida, boémia, irregular, mesmo amoral. Pessoa de qualquer modo inteligente, viva e irrequieta, que, com razão ou sem ela conheceu a celebridade. Mas para mim, neste momento, Mercedes Blasco é apenas um símbolo, um caso triste que passou lançando uma sombra negra sobre a nossa bondade, ou melhor, a caridade colectiva que praticamos.

Segundo o recorte a que me refiro do «Diário Popular» — e lembro-me perfeitamente do acontecimento — esta pessoa estava naquela altura internada num recolhimento. Mas barafustava e pedia, angustiosamente que a tirassem de lá, que a deixassem em liberdade, que não queria estar presa.

É confrangedora a fotografia dessa velhinha com perto de 90 anos que acompanha a notícia, pintada como ela sempre andou, excêntrica, quase a chorar, suplicando ao redactor que a entrevistava que fizesse com que a tirassem dali. Que tinha a renda da casa garantida por pessoa amiga assim como o seu sustento — dizia — que não esmolava quando a prenderam, como se disse, que queria andar livremente pelas ruas de Lisboa, que a deixassem morrer em liberdade!...

A coisa arripiou-me. Será caridade, de facto, esta forma de a exercer?

Ignoro totalmente, porque sei apenas o que li no «Diário Popular», o que se passou anteriormente. Se Mercedes Blasco mendigava realmente e se foi isso que a levou primitivamente à Mitra e depois para o recolhimento.

Parece que, na verdade tinha casa e mesa asseguradas. Mas seja como for, pergunto: caridade será, efectivamente, só dar de comer e de dormir a quem precisa, remédios aos doentes, agasalhos aos despidos?

Sim. Tomáramos nós poder prover a todos os que sentem essas faltas. Mas isso é mais um imperativo dever social, inadiável, talvez, do que, propriamente caridade...

Meu Deus, em tudo há escalas e desigualdade! Na maneira como se nasce, na sensibilidade de uns e outros, na forma como se vive. Certo, um pobresinho que morre de fome à beira de uma estrada, se lhe dão um caldo quente, um abrigo para passar a noite, uma lareira para se aquecer, uma enxerga para dormir e uma manta que o cubra... sente-se no Céu.

Mas dar uma cama numa camarata de 10 ou 15 pessoas, horário fixo para acender e apagar as luzes, falar e dormir, ver o sol e a lua, impedindo-a de ouvir o ruído dos eléctricos, encher os olhos com os letreiros luminosos, percorrer as ruas e os cafés de Lisboa, gozar a liberdade, a independência, a boémia que regeu toda a sua vida e acima de tudo amou, a um ser como Mercedes Blasco... talvez não seja caridade, mas crueldade bem intencionada!

Não. Caridade é outra coisa. O seu verdadeiro rosto é outro. Um rosto humano. Caridade será procurar para cada um o que esse um necessita espiritual e sentimentalmente: mantê-lo mais ou menos dentro dos seus hábitos, embora modestamente, deixar-lhe o calor do ambiente que o seu coração e a sua alma precisam e estremeçam. O artista, o escritor, o operário, o aristocrata, o cavador de enxada, o filósofo, não são felizes com as mesmas coisas. Direito à subsistência, têm todos, igualmente e sem favor. Caridade portanto, será, a meu ver, valer-lhes na invalidez, na velhice e na pobreza, sem os condenar a findar amarguradamente os seus dias... como nunca os viveram!

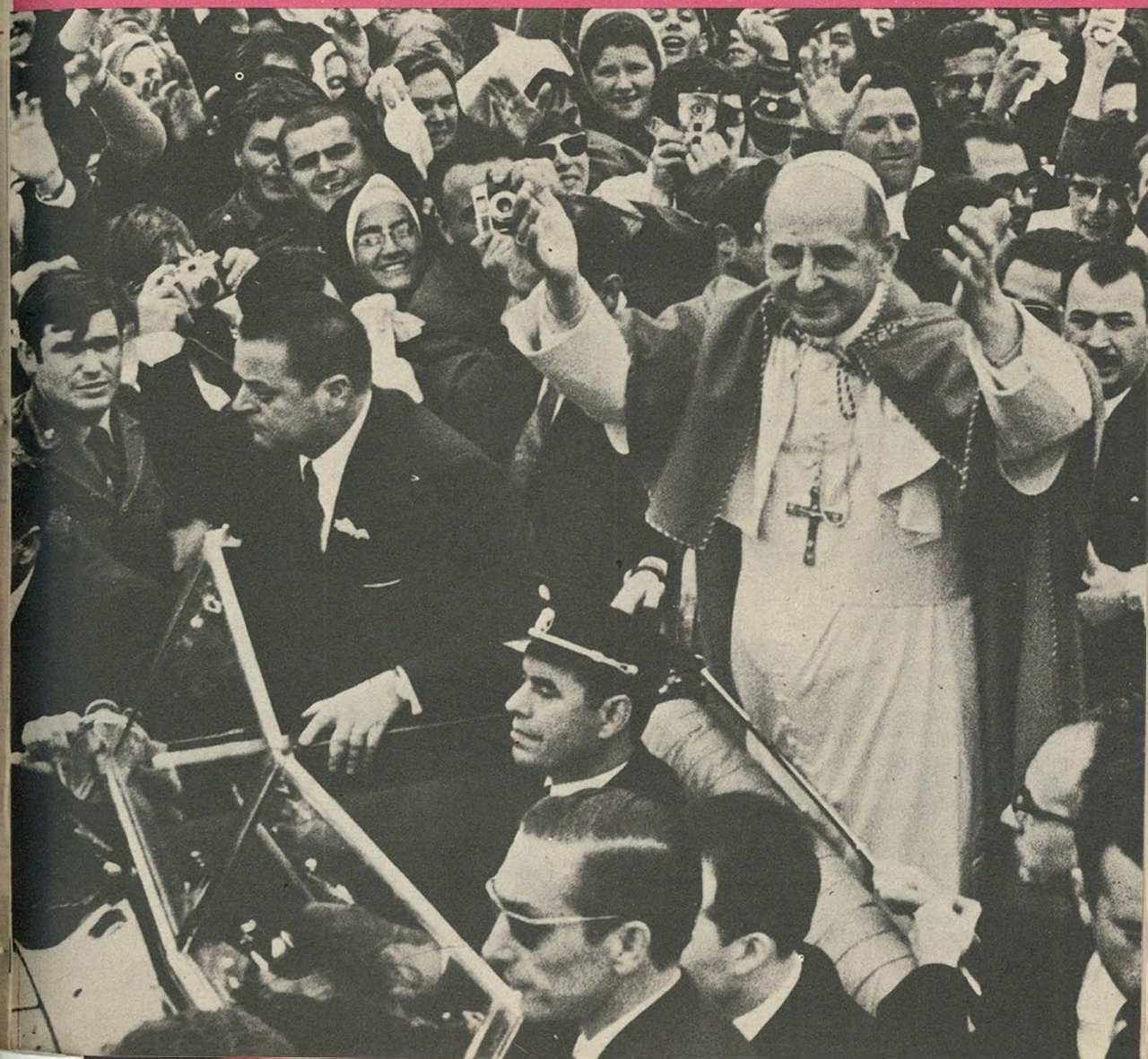


ANO DE FATÍMA

1967

Pela primeira vez na História, o Papa pisa terra portuguesa. Terra de Santa Maria, Ihe chamaram os antigos e agora é o pregador mais alto da Igreja que vem a Fátima trazer a mensagem sempre renovada de Paz.

Depois de João XXIII, é Paulo VI quem traz nova vitalidade e novas perspectivas à fé de Roma. Confiança nos homens, esperança no futuro, dignidade de vida e amor entre todos — eis as linhas de Cristo reunidas numa só palavra: Paz. Fátima ouviu-o com devoção. O peregrino do Vaticano falou daqui ao coração de todo o mundo, através da rádio, das reportagens da imprensa e dos canais de televisão. Assim, a Cova da Iria foi durante horas um ponto histórico sobre o qual convergeram as atenções dos homens dos cinco continentes e também o altar mais nobre donde se emanou, nesse dia, a verdade de Cristo na Terra.



SER ou não SER jornalista

Num dos últimos números da «EVA» evidenciámos o nosso desacordo com o parcialidade do critério com que se está o pretender diferenciar a Imprensa Diária da chamada Imprensa Regional. E pusemos o questão: Um só Grémio de Imprenso, com duas secções, ou um Grémio de Imprenso Diário e outro de Imprenso Regional.

Esta o pergunto o que hoje nos respondem os chefes de redacção de alguns dos jornais portugueses de maior tiragem.

VICTOR SANTOS, de **A Bola**:

Corro, mais ou menos alegremente, o risco de ser acusado de parcialidade ao abordar, sei a nota erudita de meia dúzia de transcrições que são o bordão cómodo e fácil de quem estuda um problema, qualquer que ele seja, este caso da mais ou menos velada «interdição» das publicações periódicas portuguesas em pisarem, o terreno, relativamente bem contado, do jornalismo, considerado como actividade profissional para quem a exerce (o jornalista) e para quem a comercializa (a Imprensa).

Com o conhecimento, já um pouco mais que superficial depois de 16 anos de ininterrupta actividade em regime de «full-time», tão exigente e vivido que ele já bem marcou, a branco, os meus cabelos e, a vermelho, as minhas energias, dos melindres de uma generalização que os condicionalismos socio-económicos do meio português criam, por aí, em todas as actividades, creio que está, hoje por hoje, ultrapassado o princípio que, como ideia dominante, domina toda a vertebração legal, digamos, do «fenómeno jornalístico português» — o de que à atribuição da qualidade de jornalista (para o profissional da Imprensa) e o de jornal (para o agente comercial de qualquer publicação) têm, como condição «sine qua non», a periodicidade de saída do «papel impresso» em caso.

Por outras palavras: parece estar profundamente arreigada a ideia de que só o «jornal diário» atribui, tanto no plano individual do trabalhador de Imprensa, como no plano colectivo da organização comercial da publicação, a «qualidade» de jornalista e a condição de Jornal.

Creemos que está de todo errada esta ideia-base que, sem sombras de dúvida, informa a

organização legal de um vasto e importante sector da actividade nacional. Sem cairmos na sedução de uma fácil e demagógica comparação extra-jornalística, segundo a qual não seria «serralheiro» quem só trabalhasse no seu ofício quatro ou cinco vezes por semana nem «serralharia» o estabelecimento que fechasse mais do que o feriadinho hebdomanório, chamamos a atenção de todo o crítico desapassionado deste fenómeno para o facto, evidente, de não haver obrigatória correspondência entre a periodicidade de qualquer publicação e o grau de profissionalismo de quem a faz (jornalista) ou a mantém (Imprensa).

No plano meramente jornalístico, considerada a função como actividade de «x» homens, dos chamados «cavadores das letras», é fácil reconhecer que a concepção, instrução e apuro de uma publicação, digamos, semanal, exime «actividade diária» e tão intensa que ela não se compadece com um regime «part-time» mais ou menos evadido de amadorismo.

Visto o problema em cume, o que não equivale o destruir toda a espécie de uma gradação inteligente que nos conduza, inclusivé, ao plano da publicação provinciana, romântica «evasão literário» de meia dúzia de homens doutras profissões, cremos que ninguém se lembrará de, conscientemente, retirar a condição de «jornalista» aos profissionais do «Match», da «Life», da «Look», da «Revue» ou da «Manchete» pelo facto de essas publicações... não serem diárias!

Quer dizer: parece indiscutível que a periodicidade de cada publicação nada tem que ver com o grau de profissionalismo de quem a faz (jornalista) ou de quem a mantém (Imprensa).

Sendo assim, é evidente que a atribuição da qualidade de jornalista depende, como em qualquer outra profissão, da «constância» de um trabalho especializado naturalmente «dominante» na escala da actividade regular de cada um dos seus cultores; e, no plano da Imprensa, a definição de jornal e das suas prerrogativas gremiais, digamos, estará muito mais ligada à sua «dimensão» como organização válida e séria, da que — insistimos na ideia! — à periodicidade da publicação que ela, Imprensa, mantém.

Como é evidente, não podem resultar destas ideias senão as seguintes conclusões:

1. — São jornalistas e devem pertencer ao mesmo organismo sindical, com todas as discriminações que se quiserem (sempre mais dependentes de certas especializações do que da periodicidade da publicação que servem) todos os verdadeiros trabalhadores da Imprensa;

2. — São jornais, no sentido lato da designação e devem pertencer ao mesmo organismo gremial, também com todas as discriminações que inteligentemente se estabeleçam, todas as empresas editoras de «papel impresso», naturalmente compartimentadas de harmonia com a sua «dimensão», que é fácil de definir ou comprovar através, por exemplo, dos índices tributários estatais.

À luz deste critério teríamos, com todas as secções que justa e inteligentemente se criassem, um só Sindicato e um só Grémio a albergarem toda a família da Imprensa Portuguesa. Seria bonito. E edificante.

DR. VICTOR DIREITO, do **Diário de Lisboa**:

Não se me afigura necessária, nem vantajosa, a existência de dois grémios. Mais lógico seria haver apenas um, ainda que dividido em duas secções: imprensa diária e imprensa não-diária. A estas duas secções corresponderiam outras tantas no sindicato, de molde a ser possível agrupar, ao lado dos já considerados jornalistas profissionais, os jornalistas (que o fossem, efectivamente) das publicações periódicas, regionalistas ou não.

DR. FERNANDO TEIXEIRA, do **Diário Popular**:

O problema de um grémio ou de dois grémios não me parece ser o fundamental. Para mim, profissional da Imprensa que o sou há 35 anos e que, no começo da minha carreira, trabalhei em jornais diários, mas também em publicações cotidianas, o que se me afigura essencial é defi-

nir-se que tanto é jornalista o que vive exclusivamente de uma das actividades, como da outra, desde que exerça a função com competência, dignidade e carácter permanente e dela aufera todos os seus proventos. Fui, até há 25 anos, chefe de redacção de algumas publicações («Eva», «Vida Mundial», «O Volante») e o trabalho que nelas executava era a de um profissional de Imprensa igual nos deveres (e deveria sê-lo nos direitos) aos outros que só trabalhavam nos jornais diários. O caso é que não ganhava o suficiente para viver só com uma das funções e fui, por isso, obrigado a recorrer à outra.

É claro que é absurdo que o jornalista (ou o fotógrafo) deixe de o ser se, por qualquer motivo, abandonar os diários para passar a trabalhar na outra Imprensa, desde que tenha nesta última o seu ordenado mensal, o seu horário e as suas funções bem definidas. Pareçe-me que deveriam ser as empresas proprietárias das publicações a credenciar os seus profissionais, habilitando-os perante os organismos competentes (grémio, sindicato, etc.) a terem o direito de ser considerados jornalistas.

Deste modo, moralizar-se-ia a situação, evitando-se que se intitulem falsamente jornalistas os que exercem outras profissões e escrevem, de vez em quando, qualquer coisa em qualquer publicação, mas terminando-se, ao mesmo tempo, com certos absurdos, como o de revistas que vivem, essencialmente, da ilustração não podem habilitar os seus fotógrafos com o «crachet» indispensável para determinados acontecimentos, a fim de efectuarem as suas reportagens gráficas.

Quanto à Imprensa Regional, onde há, aliás, jornais com grandes tradições e autênticos jornalistas, parece-me ser coisa completamente diferente. Englobar nela publicações que não são regionais, só por que não são diárias, afigura-se-me errado.

28 Anos de jornalismo



Vinte e oito anos da vida de uma publicação semanal representam um esforço e uma demonstração de jornalismo que nos cumpre saudar. Falamos da «Vida Mundial» o semanário de actividades internacionais de maior prestígio na imprensa portuguesa. E falando dele não podemos deixar de sublinhar a nossa admiração por uma publicação periódica que soube atravessar, definindo-se sempre com pontos de vista objectivos, os anos conturbados da guerra e as suas vicissitudes.

Assim se faz jornalismo. Assim se montém um público fiel há mais de um quarto de século e se vai criando outro a cada dia. Assim, também, a «Vida Mundial», com toda a experiência de um comentador internacional da categoria de Carlos Ferrão, modifica a sua estrutura gráfica num estilo renovado. O dinamismo dos seus chefes, desde o primeiro director a Francisco Eugénio Martins, e a competência dos seus quadros não se ajustam a rotinas fáceis ou ao noticiário burocrata. E eis que a **nova** «Vida Mundial» aparece em novos moldes e **significativamente** (sublinhamos) sob a égide de João Pereira da Rosa.

Para nós, esse pormenor, vale, só por si, como uma afirmação de fé na profissão ingrata do jornalismo.

VEDETAS ANÔNIMAS

Figuras familiares da nossa casa porque estão sempre à mão de quem as quer ver no écran da TV ou na página de anúncios do jornal — estas são figuras conhecidas tão populares (ou mais) do que muitas estrelas de Hollywood.

Vêm até nós; não somos nós que vamos até elas. E não lhes sabemos o nome nem a biografia...

«Quero lá saber, lá em casa a mamã lava a roupa com Juá!». Ou então: «Eu sou uma rapariga simples! Gosto de casacos simples! De jóias simples! De carros modestos!».

Diariamente, os rostos daqueles que proferem estes e outros célebres «slogans» publicitários desfilam no «écran» da T.V. ou na tela dos cinemas do país. O público habituou-se a eles, identifica-os com os produtos que anunciam. A publicidade tornou-os «vedetas». Mas «vedetas» anónimas. Figuras populares, facilmente reconhecidas na rua, no café ou no autocarro, os seus rostos famosos são, no entanto, rostos sem nome.

UMA FAMÍLIA DE «ESTRELAS» E DE ARTISTAS PLÁSTICOS

Chama-se Sofia, tem seis anos, e diz a toda a gente que não se importa nada de pôr nódoas no bibe porque, lá em casa, a mãe usa «Juá». Deseja, ardentemente, ser artista de cinema e, para já, recusou ficar na foto, sem, primeiro, ir a um espelho, dar os últimos «retoques» no penteado... Isto diz tudo sobre a sua maneira de ser, muitíssimo «coquette» e extraordinariamente feminina!

Tem duas irmãs, que não lhe querem ficar atrás e também já são «estrelas». A Rosa, que vai fazer quatro anos, ficou internacionalmente célebre num anúncio da lã «Woolmark» juntamente com o gato da família, o Zé Maria, que, coitado, nem sabe para que lado se há-de voltar, tão disputado é... A Rosa, no entanto, ufana-se de ter a preferência do bichano, que não se esqueceu de ir buscar para a fotografia e, de cada vez que via o José Teixeira a empunhar a câmara



fotográfica, empurrava tudo e todos à sua volta, de modo a ficar sempre em primeiro plano. Uma «vedeta» inata, esta miúda...

A Rita entrou num anúncio da Margarina «Ser-rana». Tem oito anos e, na ausência da mãe, substitui-a, sendo a segunda mãe das irmãs mais novas, embora não esconda a sua preferência pela Rosa — o que provoca certos ciúmes da Sofia... Esta «star», a Rita anda na segunda classe e nota-se-lhe enorme tendência para desenhar e pintar. A tal ponto que, quando gosta de uma pessoa, lhe dedica uma pintura... Já declarou que, quando crescer, quer ir para as Belas Artes. Prepara-se, assim, para seguir as pisadas dos pais que nas Belas Artes se conheceram e se formaram. António Guilherme Lopes Alves tirou o curso de pintura, mas na sua vida, além da pintura, já existiram a decoração, a cerâmica, a arquitectura, tendo últimamente, enveredado pelo campo das Artes Gráficas (maquetista de publicidade), onde lhe está sendo muito útil a sua experiência de artista plástico. Sua esposa, Margarida, é professora de desenho de uma Escola Técnica e tem o curso de escultura. Como os filhos, também se afirmou no filme publicitário e de aí o dizermos que se trata de uma curiosa



Família de vedetas (3 crianças e 1 gato) e de artistas plásticos

VEDETAS ANÔNIMAS

família, onde ou se é «vedeta» de publicidade ou artista plástico, e ainda há quem reuna ou pretenda reunir (Rita) as duas coisas...

UM BRASILEIRO É O NOSSO MELHOR MODELO MASCULINO

Fernando Ferreira Leite tem vinte e sete anos e é brasileiro, neto de portugueses. Aos doze anos, deixou o Brasil e fixou residência em Portugal, onde se manteve durante seis anos. Nessa altura, porém, o seu espírito irrequieto e aventureiro levou-o a «correr mundo», como ele próprio diz. Em oito anos, visitou onze países: Inglaterra, França, Itália, Espanha, Bélgica, Alemanha, Suíça, Suécia, Noruega, Dinamarca e Holanda.



A vedeta na vida real (tomando o seu «cafézinho»...). Fernando Ferreira Leite na «Brasileira» e no mundo do anúncio

Há pouco mais de um ano, passou por Portugal, pensando regressar ao Brasil. No entanto, acabou por ficar e, hoje, é o nosso melhor modelo masculino, para o que muito contribuíram os seus dotes de... dançarino. Ele explica:

— Você sabe, todo o brasileiro é bom dançarino, capaz de dançar o «samba», ou qualquer outro ritmo, numa caixa de fósforos. A música está no sangue da gente! Quando voltei a Portugal, vinha a par de todos os estilos e de todos os ritmos em voga no estrangeiro e que, aqui, ainda não eram conhecidos. Por isso, foi-me



fácil fazer furor nas «boites» e pôr toda a gente a dançar como eu. Em poucas semanas, tornei-me na figura mais popular das «boites» de Lisboa e de Cascais, a ponto de Vasco Morgado me ter convidado para actuar em «Esta Lisboa que eu amo».

Uma noite, eu estava dando «show» no «Carunchinho» e despertei a atenção do realizador José Fonseca. Falou comigo, convidou-me a fazer um filme com ele e eu, que me preparava para regressar ao Brasil, acedi. Fiz um filme, depois outro, e mais outro, fui fotografado para anúncios na imprensa e acabei por tomar parte em passagens de modelos, no Cinema Roma e na Feira das Indústrias, como único modelo masculino, juntamente com manequins parisienses.

Como explico o meu sucesso? Bem vê, eu tenho bastante à-vontade e já um bocado de experiên-

VEDETAS ANÔNIMAS VEDETAS ANÔNIMAS VEDETAS

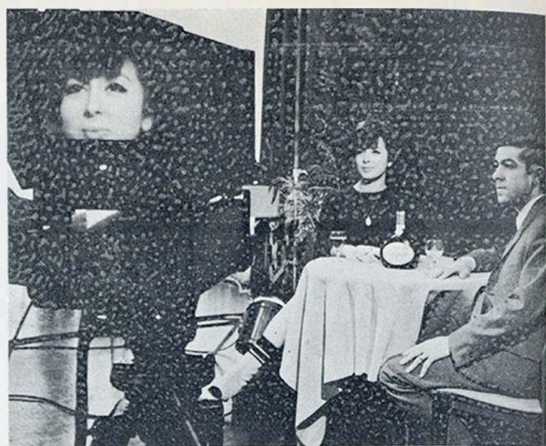
cia, dado que, durante os quatro anos que residi em Paris, fiz figuração de cinema e fui modelo fotográfico para a «Vogue» e o «Adam».

— Acha que encontrou a sua verdadeira profissão?

— Para trabalhar, seja no que for, é importantíssimo gostar daquilo que se faz. Penso que setenta por cento das pessoas trabalham só para poderem viver, sem sentirem prazer no que fazem. Ora eu seria incapaz disso, mas adoro o cinema, com todo o seu reboliço, com toda a sua fuga à monotonia... Em Paris, cheguei a ter esperanças de fazer cinema «a sério» e, agora, em Portugal, ainda não desesperei de que me seja dada uma oportunidade. A verdade é que não faço filmes



A vedeta do creme «Pond's». Maria Manuela Fonseca, no entanto, prefere a vida de casa e ser manequim de moda



Por detrás do sorriso que todos conhecemos, está todo um mundo do cinema publicitário

publicitários pelo dinheiro, mas para poder contactar com a gente de cinema e ser visto pelo público e pelos realizadores. Confesso que, para mim, a publicidade é apenas um meio para a concretização de um velho sonho...

UM MODELO QUE PREFERE SER MANEQUIM

Maria Manuela Fonseca é, hoje, aos vinte e três anos, um dos mais populares e mais disputados modelos publicitários do país. Entre muitos outros, os anúncios de «Angel Face» e da «Trevira» tornaram-na famosa.

— Há cinco anos, depois de ter tirado o Curso Industrial, empreguei-me como secretária, mas por pouco tempo, até começar a fazer filmes publicitários. Nessa altura, estive quase a desistir, porque se ganhava pouquíssimo e voltei ao escritório. Passado algum tempo, porém, deparou-se-me nova oportunidade, já com melhores condições financeiras, e nem olhei para trás. A verdade é que agora, embora ainda sejamos mal pagos, já é diferente...

— E como lhe surgiu a ideia de ser modelo publicitário?

— Talvez por ser um bocadinho vaidosa... Desde miúda que adoro vestidos e passava horas ao espelho, a fazer «caretas» e a estudar atitudes... Mas, sinceramente, muito mais do que ser modelo publicitário, prefiro ser manequim de modas. A publicidade serviu-me para chegar à «passarelle», que é o meu verdadeiro mundo...

— Quais são as diferenças essenciais entre um modelo e um manequim?

— Para um manequim, é imprescindível imenso «charme» e muitíssima elegância. Um modelo

VEDETAS ANÔNIMAS VEDETAS ANÔNIMAS VEDETAS

necessita, sobretudo, de descontração. É muito mais fácil ser-se modelo, pois está lá sempre o realizador, para corrigir os defeitos. O manequim é empurrado para a «passarelle» e, depois, já não pode contar com a ajuda de ninguém, está sozinho e sozinho tem de resolver os problemas que lhe surjam.

— Sabemos que foi convidada a deslocar-se a Espanha, dentro de alguns meses...

— Sim, Santiago Mouro convidou-me e, em Novembro, irei a Espanha fazer, durante um mês, um curso de aperfeiçoamento. Vou para aprender, porque em Espanha há ótimos manequins, muito melhores do que eu. Sabe, em Espanha, os manequins são respeitados e sabem ser profissionais...

— E acha que o mesmo não sucede em Portugal?

— Não, e aí reside o nosso grande problema. Penso que todas as raparigas deviam ter força de vontade suficiente para não aceitarem «cachets» ridículos, que provocam a concorrência e desvalorizam a profissão, e para, primeiro, aprenderem a andar, a vestir, a falar. É claro que, para isto, é absolutamente necessário uma escola... que não existe. A Paula Valpassos tentou criar uma, mas aconteceu que assistiram cem raparigas à primeira lição e na segunda já só estavam presentes vinte ou trinta...

— Não a tenta a ideia de também vir a ser «vedeta» de cinema?

— Não, até porque, em Portugal, não existe uma verdadeira indústria cinematográfica. Além disso, não me sinto com «garra» de artista. Prefiro ser um bom modelo ou um bom manequim, a ser uma artista péssima ou simplesmente razoável...

PARA QUEM SER MANEQUIM É A MAIS BONITA PROFISSÃO FEMININA

Rosa Maria Homem de Sá. Espanhola, embora casada com um português e residente em Portugal há já seis anos. «Vedeta» de publicidade, manequim de moda, que é, também, dona de casa e mãe de dois filhos — o Nuno (cinco anos) e a Catarina Sofia (ano e meio).

— ... E consigo arranjar tempo para tudo, sabe? Adoro estar em casa, dedico-me imenso aos meus filhos, mas a verdade é que a minha profissão não me rouba muitas horas e permite-me conjugar as duas coisas. Já em Espanha era manequim, e, em Portugal, comecei na T.V., em passagens de moda. Só depois vieram os filmes publicitários que, para mim, foram uma experiência nova, num ambiente totalmente diferente.



Sofia, a vedeta «Juá»

No entanto, devo dizer-lhe que o que mais gosto de fazer são as passagens de moda. Aliás, considero que ser manequim é a mais bonita profissão que a mulher pode ter. uma profissão profundamente feminina...

Rosa Maria é filha do actor espanhol, Rafael Luis Calvo. Mas o curioso é que nunca seguiu as pisadas do pai...

— Adoro cinema, mas sempre hesitei em ser artista, porque tinha um medo tremendo de falhar. No entanto, calcule que, na véspera de me casar, recebi um telefonema de Itália, a oferecerem-me um contrato! Hoje, até agradeço que não me lembrem a hipótese de me surgir nova oportunidade, porque seria o maior sacrifício da minha vida ter de dizer não, como, decerto, teria de acontecer, pois o meu marido nunca consentiria. Não, ser artista de cinema é um sonho que já pus de parte. E, por favor, nem me falem no assunto...

Manuela Fonseca abordara o tema e nós fizemos a pergunta a Rosa Maria:

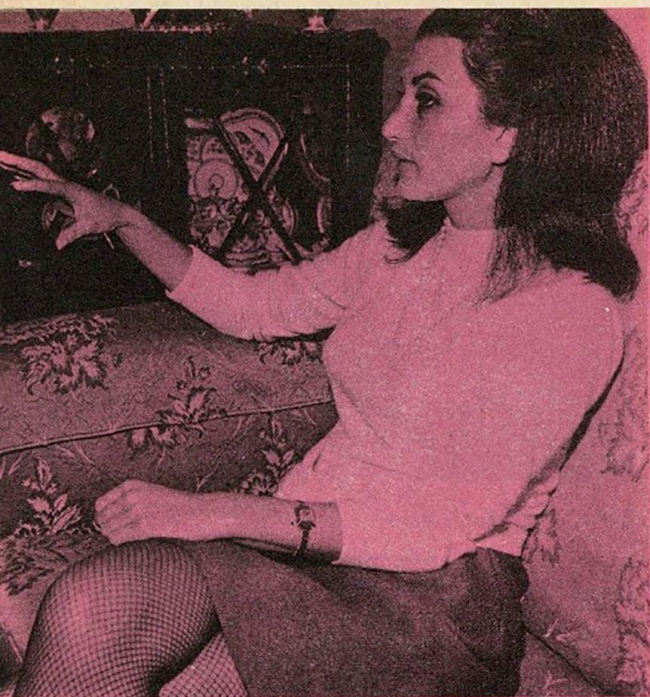
— Funciona em idênticos moldes a profissão de manequim em Portugal e em Espanha?

— Infelizmente, não. Nem por sombras. Em Portugal, não há apoio aos manequins, a profissão não está defendida e existe mesmo uma tremenda concorrência de preços. E, sobretudo, faz falta uma escola e professores realmente conhecedores. Em Espanha, durante um ano, só aprendi a andar. Andava tanto, tanto, que cheguei a criar bolhas nos pés!

UMA PORTUGUESA QUE FEZ CINEMA EM PARIS E É MODELO EM NOVA YORK

É a tal que, com um sorriso muito cândido, nos diz, nos «écrans» da TV., que é uma rapa-

VEDETAS ANÔNIMAS VEDETAS ANÔNIMAS VEDETAS



Lúcia Amram — Na vida privada, a palavra de ordem é viajar. Na publicidade, o comércio é quem dita

riga muito simples e a gente depois descobre que a sua simplicidade lhe dá para só gostar de casas de «vison» e de «Rolls-Royces»!

Chama-se Lúcia Amram, é portuguesa, filha de mãe russa, mas, há já algum tempo, vive quase permanentemente no estrangeiro.

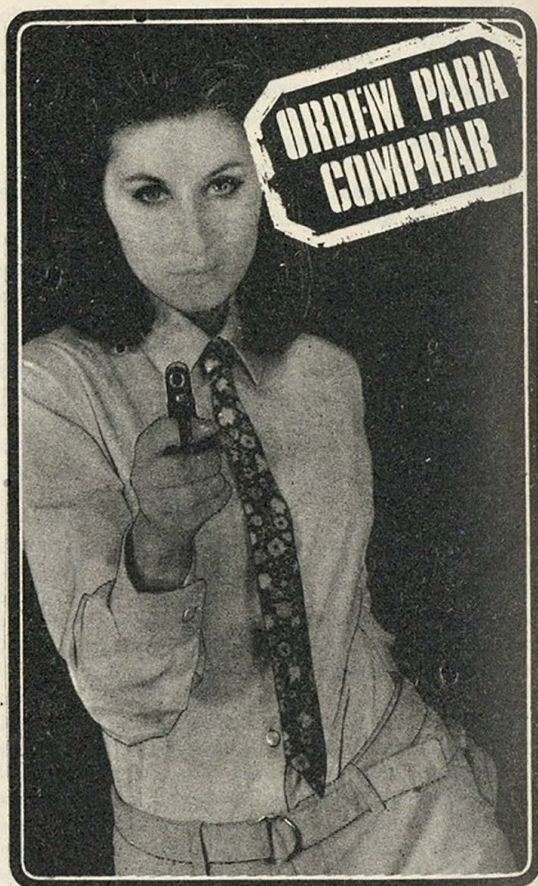
— Há seis anos, entrei, como manequim, para a TV., onde fiz muitas passagens de moda, com a Sofia e a Paula Valpassos. Pouco depois, fizeram-me um «teste» para o cinema e acabei por me estrear no filme «Pássaros de Asas Cortadas», de Artur Ramos. Achei, no entanto, que algo não tinha corrido bem e resolvi ir para Paris, estudar Arte Dramática, durante dois anos. Embora com papéis pequenos, entrei em vários filmes, num dos quais com Aznavour. Depois fui com os meus pais a Nova Iorque, numa viagem de recreio e o certo é que fiquei de tal modo entusiasmada com a América que deixei-me ficar por lá sôzinha, empregando-me. Aconteceu, porém, que criei um grupo de amigas todas manequins e, ao fim de pouco tempo, já tinha alguns contratos. T.V. cinema? Não, não fiz, porque, para o conseguir, na América, tem de se condescender com muitas coisas...

Há cerca de dois meses, vim passar férias a Portugal e o realizador Fonseca Costa me pediu para fazer alguns filmes publicitários. Finalmente... (pausa de cansaço) volto outra vez a Nova Iorque, onde, realmente, gosto imenso de

viver, mas penso voltar em breve a Portugal e voltar ao cinema, pois o António Macedo já me falou nalguns projectos seus.

— Como veio encontrar, em Portugal, a profissão de manequim e modelo?

— Difícil... sabe? Na América, a profissão está organizada e protegida. Há sindicatos organizados para tudo: para os modelos de cabeleireiros, para os manequins de moda, para os manequins e modelos da TV., etc. Entre nós, nada disto existe, e a verdade é que, assim, sem mais nem menos, não pode ser modelo quem quer! Claro que é imprescindível uma escola, mas como, se não há professores? De resto, hoje é impossível ser-se bom manequim sem fazer muito «ballet» ou ginástica rítmica, que dão outra estilização de gestos, outra agilidade e tornam muito mais graciosos os movimentos, quer na maneira de andar, como, até, na posição das mãos. É tudo isto que ainda falta aos manequins portugueses, pois eu, embora saiba bastante mais do que as minhas colegas que nunca saíram de Portugal, sou uma simples aprendiz, ao pé das profissionais estrangeiras...



ANÔNIMAS VEJETAS ANÔNIMAS VEJETAS ANÔNIMAS

UM REALIZADOR FALA DAS «VEJETAS»
E DA PROFISSÃO

José Fonseca Costa é um dos mais jovens e talentosos realizadores portugueses, como o testemunha o Grande Prémio do Festival do Filme Publicitário que, recentemente, lhe foi atribuído. Como profissional, começou há oito anos e, neste espaço de tempo, já realizou mais de duzentos filmes publicitários, além de três documentários. Em 1961, foi convidado pelo grande Antonioni para seu assistente, tendo trabalhado com ele em «O Eclipse» — o que é todo um certificado de valor: Em Portugal, tem sido o «inventor» de algumas das mais populares «vedetas» da publicidade.

— A primeira condição dos filmes de publicidade é terem bons modelos. Mas isso é difícil e, sobretudo os modelos masculinos... O Fernando Leite, por exemplo, tem óptima figura, boa presença, magnífica descontração e, sobretudo, sabe sorrir, o que é fundamental, pois, entre nós, em todos os filmes é obrigatório o sorriso...

Mas não foi só o Fernando que começou comigo, a Rosa Maria é outro exemplo e até a Isabel Ruth a primeira vez que filmou fê-lo comigo, numa publicidade às meias «Caron». Nessa altura, ela era bailarina e não pensava em cinema...

— As «vedetas» queixam-se de que a profissão não está devidamente protegida...

— E têm toda a razão. A concorrência, por exemplo, é uma coisa tremenda. Mas não só entre os modelos, também nós, os realizadores, nos queixamos do mesmo... Disso e das condições em que, muitas vezes, temos de trabalhar. Quer um exemplo? Uma vez, tinha de fazer um filme para o «Tergal» e foram mandados vir de Paris dois modelos profissionais, uma americana e um alemão. Eles, como é natural, estavam habituados a trabalhar em magníficas condições, com óptimo material. As filmagens foram na Tóbis,



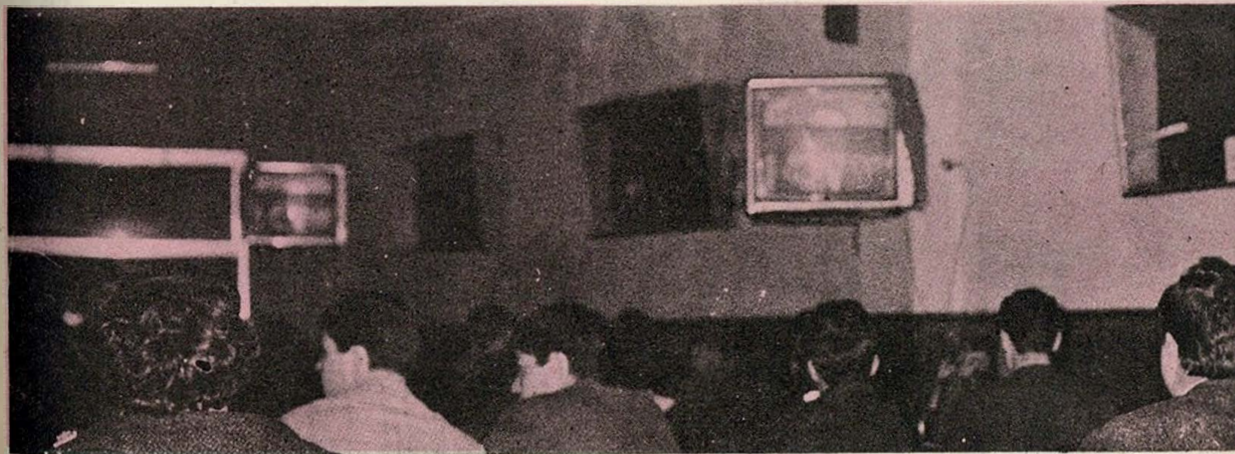
malhas

A
ACRILAN
REGD
acrylic fib
CHEMSTRAN

que é um casarão gelado, e, como electricistas, apresentaram-me... jardineiros! Nessa altura, o material de iluminação era velhíssimo, estava todo preso por adesivos e os jardineiros, coitados, não precebiam nada daquilo. Foi uma verdadeira catástrofe! Eu estava envergonhadíssimo e valeu-me que os modelos, a «baterem o queixo» com frio, acabaram por ter pena de mim e vieram ajudar-me, fazendo eles de electricistas. Foi dos momentos mais trágicos da minha vida e só lhe digo que muito eu suei e respirei, apesar de todo aquele frio de Janeiro!...

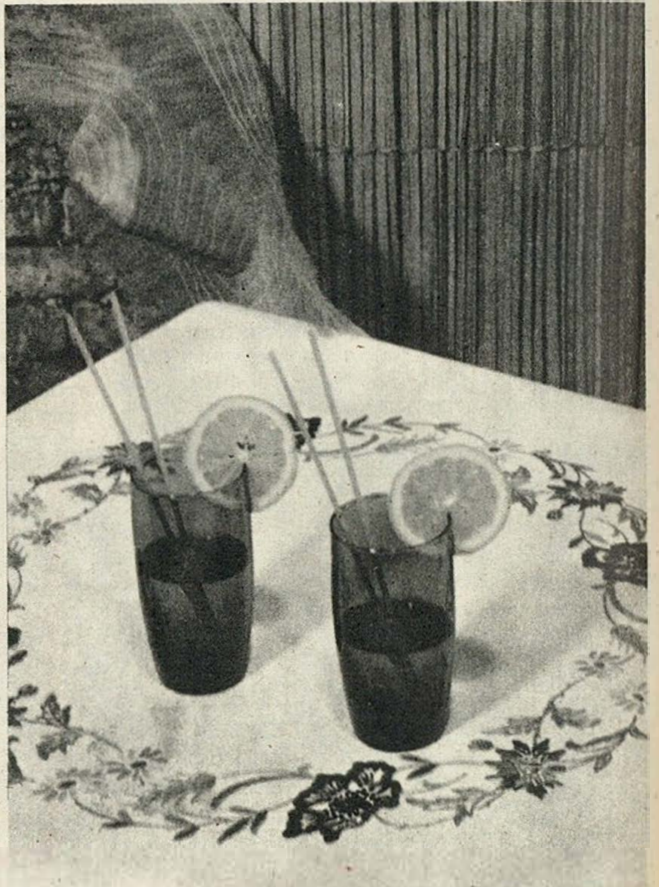
E agora ligue o seu televisor. Olhe para a «vedeta» de todos os dias. Ela tem uma história. Já sabe qual...

SANTOS NEVES



UMA TOALHA FLORIDA

BONITA PARA O VERÃO QUE GHEGA,
PARA O INVERNO QUE HÁ-DE VIR. É
SEMPRE AGRADÁVEL UMA TOALHA COM
FLORES. ESTA É SIMPLES, COMO VÊM, EXE-
CUTADA EM PANO RÚSTICO BRANCO E
BORDADO A ALGODÃO PERLÉ ÂNCORA
EM TONS DE VERDE, AZUL, VERMELHO
E AMARELO. AS LINHAS ÂNCORA RESIS-
TEM AO SOLE À LAVAGEM E O TRABA-
LHO NUNCA PERDE O SEU AR NOVO.



é optimista ou péssimista ?

Faça um pequeno exame de consciência respondendo com a máxima sinceridade, afirmativa ou negativamente às dez perguntas que se seguem. No fim some os «sim» e os «não» e compare o seu resultado com as soluções.



1 Passa diante de uma montra e vê um objecto que tem absolutamente que comprar. O preço parece-lhe, porém, excessivo. Hesita antes de o comprar pensando que no fundo não é urgente e talvez o encontre noutra lugar e mais barato?

2 Imprevistamente dispõe de uma soma elevada. Por exemplo teve uma herança. Gasta-a de repente num velho sonho sem ter em conta que lhe podia ser útil num futuro próximo?

3 Tem automóvel. Acha que não é necessário cuidar dele, pensando que tem sorte e isso afasta qualquer risco?

4 Tem que fazer um trabalho aborrecido. Adia-o o mais possível na esperança de poder evitá-lo?

5 Perde a carteira com algum dinheiro que lhe era necessário para coisas urgentes. Mantém mesmo assim uma certa fé no futuro?

6 Se o seu «ele» a deixasse de improviso sem lhe dar uma razão plausível, isso seria para si uma tragédia e não procuraria fazer nada para o esquecer?

7 Uma amiga que sempre considerou das melhores, diz mal de si. Tem com isso uma grande desilusão. Generaliza o caso e deixa de acreditar na amizade?



8 Tem um projecto ambicioso que finalmente pode realizar. Uma vez concretizado, se a realidade não corresponde àquilo que imaginou, fica profundamente desiludida e procura adaptar-se mas com esforço?

9 Uma pessoa ofende-a. Gostaria de se rebelar mas não o faz. Acredita que mais tarde ou mais cedo a justiça acaba sempre por triunfar?

10 Levou a seu termo um trabalho cansativo e está satisfeita. Pensa que esta sensação de prazer é a melhor recompensa da sua boa vontade?

Se respondeu «não» à pergunta número 7 e «sim» a todas as outras, é dotada de um optimismo talvez excessivo. No caso contrário é uma pessimista da pior espécie. Por sorte, casos limite como estes são raros. Um pouco de desconfiança na vida é sempre bom para moderar um optimismo por vezes desenfreado, sobretudo se respondeu «sim» à pergunta 10 que é uma das chaves da felicidade. Se, pelo contrário, as respostas positivas e negativas se equivalem, o seu carácter é equilibrado e dominado por um bom senso prático.



PROBLEMAS DA MULHER

Secção
a cargo do
Rev. Dr. António
Barbosa,
da Dr.^a D. Maria
Hermínia
Santos Rocha,
do Dr. Fernando
Homem Christo
e da
Dr.^a D. Maria
Eugénia
T. Rodrigues

UMA MÃE SENSATAMENTE EXEMPLAR

«Casámos há cinco anos e temos três filhos. Depois de ter nascido o último, por conselho do médico, começámos a usar o «método das temperaturas», mas já ando cansada e aborrecida dele.

É verdade que nem eu nem o meu marido queremos utilizar o dito «método» até ao fim da nossa vida, pois nenhum de nós está disposto a não ter mais filhos, embora me veja obrigada a distanciar-los, porque a minha saúde e o conselho do médico me obrigam agora a fazê-lo.

Ando arrazada, tenho muito trabalho e as crianças, que nos dão tantas alegrias, também pesam bastante e desarranjam-me os nervos. Quando chego ao fim do dia, penso, por vezes, que é o último, embora me sinta intimamente feliz, pois acho que estou a cumprir o meu dever. Graças a Deus, se não tenho coisas supérfluas, também não me falta o necessário, pois o meu marido é muito bom e mata-se a trabalhar para me dar e aos pequenos tudo o que precisamos.

Não sei se é egoísta o meu modo de pensar, mas con-

fesso que nesta altura a vinda de um novo filho me transtornaria completamente. Tenho por norma — desde o nosso noivado falámos muitas vezes nisto — que na nossa casa antes das comodidades e dos caprichos, estão os filhos. Deus sabe bem que até agora não temos feito outra coisa. Contudo, em certas ocasiões, sinto-me inquieta e não sei se apesar de todas estas razões, e a futura educação dos pequenos, se justifica continuar a utilizar este método?» — V. C. R. — Braga).

Ter três filhos em cinco anos é uma boa prova de que um lar está assente em boas bases: no amor dos pais e no amor de ambos pelos filhos.

PENSANDO NAS FÉRIAS

A chegada do tempo quente associa-se normalmente à ideia de férias próximas já que é nos meses de Junho e Setembro que, em todo o mundo, se regista maior número de pedidos de

O Papa Pio XII ensinou — e nada foi modificado nesta matéria — que é lícito recorrer à continência periódica no uso do matrimónio, para distanciar o nascimento dos filhos, sempre que as circunstâncias de saúde da mãe ou as dificuldades económicas a isso obriguem. O fim é bom e os meios também, portanto, tudo corre como Deus manda.

A insegurança inerente ao método Ogino desaparece agora graças às recentes descobertas da medicina. E, do ponto de vista moral, não se pode levantar nenhuma objecção sobre o uso do método das temperaturas para controlar os períodos de infertilidade da mulher.

Aliás, como a sua intenção não é a de permanecer indefinidamente na utilização do método, mas só enquanto durarem as circunstâncias que desaconselham a volta à vida matrimonial normal, sem restrições de nenhum género, a sua atitude é perfeitamente boa e louvável.

A mãe não pode pôr a sua vida em perigo, porque essa imprudência teria tristes resultados tanto para ela, que precisa de boa saúde para o governo da casa, como para toda a família, que necessita da sua companhia e do seu carinho.

Pode, pois, estar tranquila. Não há egoísmo na sua atitude. E, até, bem vistas as coisas, se pode descobrir nela uma grande generosidade e amor pelos seus.

A. BARBOSA

praia ou campo; para a maioria, talvez, da antevisão do gozo de alguns dias de maior liberdade e descanso, se possível com bom ar e sol.

Mas a concretização do desejo de fuga para um ambiente diferente e a satisfação da ânsia de ar livre que são comuns à maioria dos que sonham com férias tem, se não inconvenientes, pelo menos alguns aspectos negativos que merecerão, porventura, um pouco de atenção.

O primeiro aspecto a focar diz respeito à verdadeira necessidade de repauso (sobretudo psíquico) que qualquer indivíduo sujeito a uma vida de trabalho normal experimenta periodicamente.

Essa necessidade real não deverá iludir-se com pseudo-férias, isto é, com um período em que se está isento da prestação do trabalho habitual mas durante o qual se faz uma vida esgotante, muitas vezes a pretexto de «aproveitar» as férias para ver e experimentar apressada e febrilmente cinquenta coisas que se não ficam, afinal, o conhecer e contribuem mais para fatigar e confundir o espírito do que para o cultivar ou repausar.

Estas considerações aplicam-se principalmente aos que aproveitam as férias para viajar.

Sem abordar o complexo problema das motivações que mais frequentemente levam os indivíduos (isolados ou em grupo) a fazer turismo — de preferência o mais longe possível do país natal — nem o das inegáveis vantagens que o fomento do turismo acarreta em determinados sectores e para certas pessoas, admitamos, como disse um célebre psiquiatra, que «não vem longe o dia em que muitos preferirão umas tranquilas férias no seu jardim às viagens «tout compris» organizadas à volta do

mundo par agências internacionais». Esta afirmação, talvez derrotista, traduz apenas a verificação de que, para muitos indivíduos, sob o ponto de vista psíquico, nem sempre as vantagens do turismo em massa, típico dos nossos dias, compensam os seus inconvenientes.

No estrangeiro ou no país; na cidade, no campo ou na praia; em casa ou fora dela, o que importa, afinal, é que as férias assegurem uma renovação, um arejamento psíquico que permita, findo o período disponível, voltar a encarar o trabalho sem angústia e com «genica».

Naturalmente é desejável que, a par desta renovação psíquica, se verifique um revigoramento físico, de importância decisiva, aliás, para a própria saúde mental. Neste revigoramento físico têm papel fundamental o ar livre e o sol.

É a acção dos raios solares ultra-violetas sobre a pele que promove, a partir de uma pro-vitamina nesta existente, a síntese de vitamina D (uma das poucas vitaminas que nós fabricamos no próprio organismo). Esta irradiação solar da pele é decisiva; particularmente nos indivíduos em crescimento, para um subsequente Inverno bem passado.

Por seu lado o iodo (em que tantas das nossas praias são ricas) é um esplêndido regularizador do metabolismo que estimula, melhorando o apetite, reduzindo a tendência para certas doenças linfáticas, ajudando a convalescença de outras.

Mas o próprio sol tem os seus riscos; a exposição excessiva aos raios solares acarreta inconvenientes que vão desde as simples lesões locais de queimadura superficial tanto mais grave quanto mais extensa) às hipervitaminoses D, desde a fadiga e dor de cabeça às

conjuntivites e outras lesões oculares, desde as perdas de água e sais por excesso de sudação às insolações graves com lesão do próprio sistema nervoso central. A passagem de uma vida sedentária a uma vida ao ar livre e ao sol deve, pois, ser gradual, progressiva. Sobretudo na praia e tratando-se de crianças pequenas, é aconselhável ir aumentando diariamente o tempo de exposição das partes do corpo descobertas ao sol, começando por curtos períodos intervalados com estadias mais demoradas à sombra, até que a pele esteja suficientemente adaptada para a criança poder andar livremente. Salvo nas crianças acostumadas a andar de cabeça descoberta, é conveniente o uso de chapéu, com mais forte razão se se tratar de criança atreita a anginose ou que sangue facilmente pelo nariz.

Também o iodo tem os seus inconvenientes já que, como activador do metabolismo, é factor agravante de algumas doenças, particularmente as tuberculosas (viscerais) e as nervosas.

Será, assim, conveniente que as mães, antes de decidirem ir para a praia, se certifiquem de que nenhum dos seus filhos tem qualquer processo tuberculoso em evolução ou padece de qualquer outra doença que torne inconveniente uma estadia à beira-mar.

O médico assistente, ouvido nesta ocasião, aconselhará também as mães a completarem, antes da partida para férias, as vacinações indicadas para seus filhos (consoante respectivas idades e vacinas já feitas), porquanto os contactos com estranhos se multiplicam neste período, expondo a criança a contágios vários.

M. E. TAVARES
RODRIGUES



PROBLEMAS DA MULHER

Secção
a cargo da
Rev. Dr. António
Barbosa,
da Dr.^a D. Moria
Hermínio
Santos Rocha,
do Dr. Fernando
Homem Christo
e da
Dr.^a D. Morio
Eugénia
T. Rodrigues

A EDUCAÇÃO SEXUAL DAS CRIANÇAS

«Vejo-me ante uma situação difícil de resolver, e peço-lhe que me ajude: tenho uma empregada doméstica, solteira, que tem um filho. Sinto que devo dar uma explicação aos meus quatro filhos, a mais velha dos quais tem quinze anos...» (M. M. — Lisboa).

De facto esta leitora tinha a dar uma explicação, pelo menos aos filhos mais velhos, a propósito dessa situação anormal que eles próprios descobriram. Depois da conversa que tive com esta leitora pensei falar-vos hoje um pouco de um aspecto da formação moral das crianças, tantas vezes conscientemente esquecido pelos pais: a educação sexual.

Este é «um» entre os outros objectos da educação; é portanto essencial que seja dada num clima de intrascendência, através de uma atitude cheia de naturalidade por parte dos educadores.

A uma criança normal o problema da vida põe-se bastante precocemente. Sobreretudo se tem mais irmãos, já a criança aos três ou quatro anos interroga a mãe

acerca da diferença de sexos, quer saber donde veio o irmãozinho que acaba de aparecer, etc.

Todas as vezes que uma criança formule perguntas destas não devemos dizer-lhe que se cale, mas sim responder sempre com muita prudência e de modo adequado à sua idade, mas com verdade. De uma forma delicada, se for preciso poética, mas de modo nenhum fantasiosa.

Geralmente até cerca dos dez anos a criança contenta-se com explicações simples, dadas às vezes à base de comparações; pouco a pouco poderá e deverá dar-se-lhe um esclarecimento mais completo.

Sempre será aconselhável falar com as crianças a sós; e, de preferência, sobretudo a partir da puberdade, a mãe com a rapariga, e o pai com o rapaz. Muitas vezes, a ocasião para tais conversas terá de ser provocada; irão os pais ao encontro das inquietações dos filhos, sem esperar que estes venham com perguntas, caso que, nessa idade, será pouco frequente.

Por quê é tão importante responder a todas as inter-

rogações que a criança faz nesse sentido? Entre outras, vejo estas razões fundamentais:

— A criança habitua-se a considerar estes assuntos com a mesma **naturalidade** com que trata doutros, sem criar em relação a eles o preconceito de que é algo «tabu». Se os Pais atendem hoje as suas dúvidas, não se dará o caso de que mais tarde os filhos e as filhas tratem de satisfazê-las por si, às escondidas, talvez em fontes duvidosas. Ao responder com toda a simplicidade, não quebrarão a **confiança dos filhos em si**, nem serão causa do seu mutismo.

— A criança habitua-se, além disso, a considerar o **problema da vida** com o máximo **respeito**, no seu **verdadeiro valor**, sabendo ver na propagação da espécie um complemento da obra de Deus e o que significa de generosidade e dádiva por parte dos pais. Estes devem fazer ver como a função sexual tem um **fim específico** no plano divino da criação, fim que é preciso respeitar. É bom que cedo se faça germinar na criança essa atitude interior, levando-a a entender o **sentido da constituição da família**, a sua dignidade, o fim do sacramento do matrimónio, etc. Sobreretudo na adolescência este critério deve ser dado com toda a clareza, e é de importância fundamental para a conduta futura dos jovens.

— Por outro lado, a **criança tem direito o saber**, a ser elucidada. Muito especialmente na pré-adolescência, os jovens devem estar bem informados (e formados) acerca da transformação física que sofrem nessa idade. A ignorância pode conduzir a erros, e até à criação de complexos vários com repercussões mais ou menos importantes.

— Esse conhecimento gradual, aliado a uma **sólida formação moral e religiosa** asseguram um **equilíbrio psi-**

quico e um domínio vitorioso dos jovens sobre si mesmos, e irá formando nelles uma **consciência recta e limpa**, a consciência de um verdadeiro cristão que conhece o campo de batalha, sabe onde lutar, e a razão por que luta, que vê e vive a pureza na sua vida como um valor positivo:

«É necessária uma cruzada de virilidade e de pureza que contrarie e anule o trabalho selvagem daqueles que pensam que o homem é uma besta».

— E essa cruzada é obra vossa («Caminho», ponto 121).

Poderão os vossos filhos ser heróis dessa cruzada se, de pequenos, aprendem dos pais a empunhar as armas.

Aconselho-a enfim, querida leitora, a dar sempre um tom muito positivo a estas conversas com os seus filhos. Se não se sente capaz de os elucidar clara e convenientemente, procure servir-se de fontes que a esclareçam. Lembro-lhe, por exemplo, uma nova colecção: «Família e Educação». Poderão ajudá-la, entre os volumes publicados, «O Mundo dos Nossos Filhos» de Robert Odenwald e «Manual de Pais» de Patrícia Edge.

Às leitoras que desejem algum esclarecimento para os seus casos pessoais terei o maior gosto em responder particularmente.

ACTIVIDADES EXTRA-ESCOLARES

«Gostaríamos de saber a sua opinião sobre um assunto que nos parece de interesse: actividades extra-escolares.

Qual a utilidade e interesse que encontra em ocupar as poucas horas livres das alunas dos nossos liceus, tão sobrecarregadas já de aulas e explicações em actividades de outro género tais como: ginástica, pintura, culinária, etc.? (...)».
(Três leitoras — Porto).

Não queria atrasar por mais tempo a resposta à carta destas três leitoras do Porto. Não sendo possível neste número tratar o tema como desejaria, prometo falar dele mais extensamente da próxima vez, dada a sua importância.

Por hoje deixo-lhes esta pergunta: já pensaram que uma rapariga que, dos onze aos dezoito anos desenvolvesse apenas as suas faculdades intelectuais ficaria uma deforme?

As adolescentes necessitam desenvolver todas as suas faculdades harmónicamente de modo que, seja qual for o lugar que mais tarde ocupem na sociedade, venham a adaptar-se a ele sem custo, sendo membros úteis, valiosos.

O estudo, a instrução propriamente dita, enriquece a parte intelectual, mas: e as potências físicas, os sentimentos, a educação da vontade, a educação social? O exercício físico, a expressão emocional e artística, o treino da vontade, as relações com os outros, o culti-

var-se os interesses do indivíduo, tendem para essa formação integral da personalidade.

É necessário proporcionar às jovens as circunstâncias favoráveis a esse desenvolvimento total, completo, do seu ser.

Por que há raparigas casadoiras que não sabem pôr uma mesa nem dar um ponto? Por que há jovens tímidas que não sabem manter uma conversa numa reunião familiar ou num grupo de amigas, que não são capazes de ter uma iniciativa?

Por que sofrem de neurastenia ou de complexos variados certas raparigas?

Não seria por uma educação unilateral, deficiente nestes aspectos que referimos?

No próximo número falar-vos-ei mais concretamente dos vários campos dessas actividades extra-escolares, sua particular importância, e algumas das que já mais desenvolvidas estão no nosso País.

MARIA HERMÍNIA

A MULHER PERANTE O CÓDIGO CIVIL

Eis finalmente em vigor, desde 1 de Junho, o novo Código Civil. Estamos portanto na melhor altura de começar a apreciar a posição por ele atribuída à mulher.

Conforme explicámos no artigo de Janeiro, parecer-nos mais lógico versar primeiro os reflexos do Decreto-Lei n.º 47 032, relativo à Regulamentação Jurídica do Contrato Individual do Trabalho, e entrado em vigor a 23 de Setembro de 1966, sobre a situação das mulheres empregadas, não só pelo grande número de leitoras da «Eva» que exercem profissões de trabalho subor-

dinado, como pela excepcional importância daquele notável diploma.

Depois da Constituição Política, o Código Civil é comumente considerado a mais importante das leis. Se aquela é a **lei fundamental**, ele é a **lei básico**.

O nosso foi objecto de largas apreciações e numerosos comentários, por vezes fortemente discordantes, dos especialistas. Nem outra coisa era de prever, quer pela magnitude do empreendimento — um novo Código Civil sai, em média, se assim

(Continua na pág. 68)



HA VINTE ANOS QUE
AUDREY HEPBURN
TEM DEZOITO

«QUANDO se é jovem é-se jovem para sempre», dizia o Prof. Richet. Falava da juventude do espírito. Mas dá-se o mesmo com a juventude física. Um estilo jovem pode conservar-se a vida inteira desde que se continue a ser uma jovem que evolui e não uma rapariga envelhecida.

Como? Aprendamo-lo com Audrey Hepburn.

Audrey, 1,71 m, 47 quilos (o máximo), vai fazer trinta e oito anos. Durante muito tempo não mudou de estilo. «Para quê?», dizia. Cada um tem um estilo próprio. Quando o encontramos — e é difícil — devemos ser-lhe fiéis». O dela, o que a celebrou em «Férias romanas», datava de 1953. Conservou-o depois, mesmo na «História de uma freira»: ingénuo, impecável, sem jóias, pura, limpa, digna, vulnerável. Hoje, vemos, porém, uma nova Audrey. Fintos os vestidos do seu fiel Givenchy: mini-saias, shorts, estampados geométricos, vestidos comprados nas boutiques mais «in» de Paris. Um penteado fofo, com franja. Uma maquilhagem que se modificou subtilmente. Assim, as sobancelhas adelgaçaram-se-lhe, as cores são mais doces mas mais alegres também.

Audrey declara agora: «Toda a convenção prende. Devemos sempre reagir, recusar pertencer a uma época. Para nos conservarmos jovens devemos ser mais jovens cada dia. Transformarmo-nos incessantemente, mas sempre à volta de «pontos fixos» que fazem a personalidade. Os meus três pontos fixos são:

1. **A minha silhueta.** Resolvi conservar o meu peso actual. Não sigo, de resto, nenhuma dieta. Só evito o álcool. Como de tudo e gosto de comer. No Inverno faço guisados deliciosos e no Verão adoro inventar toda a espécie de saladas multicolores. Mas quando, à mesa, atingi o meu total de calorias, paro.

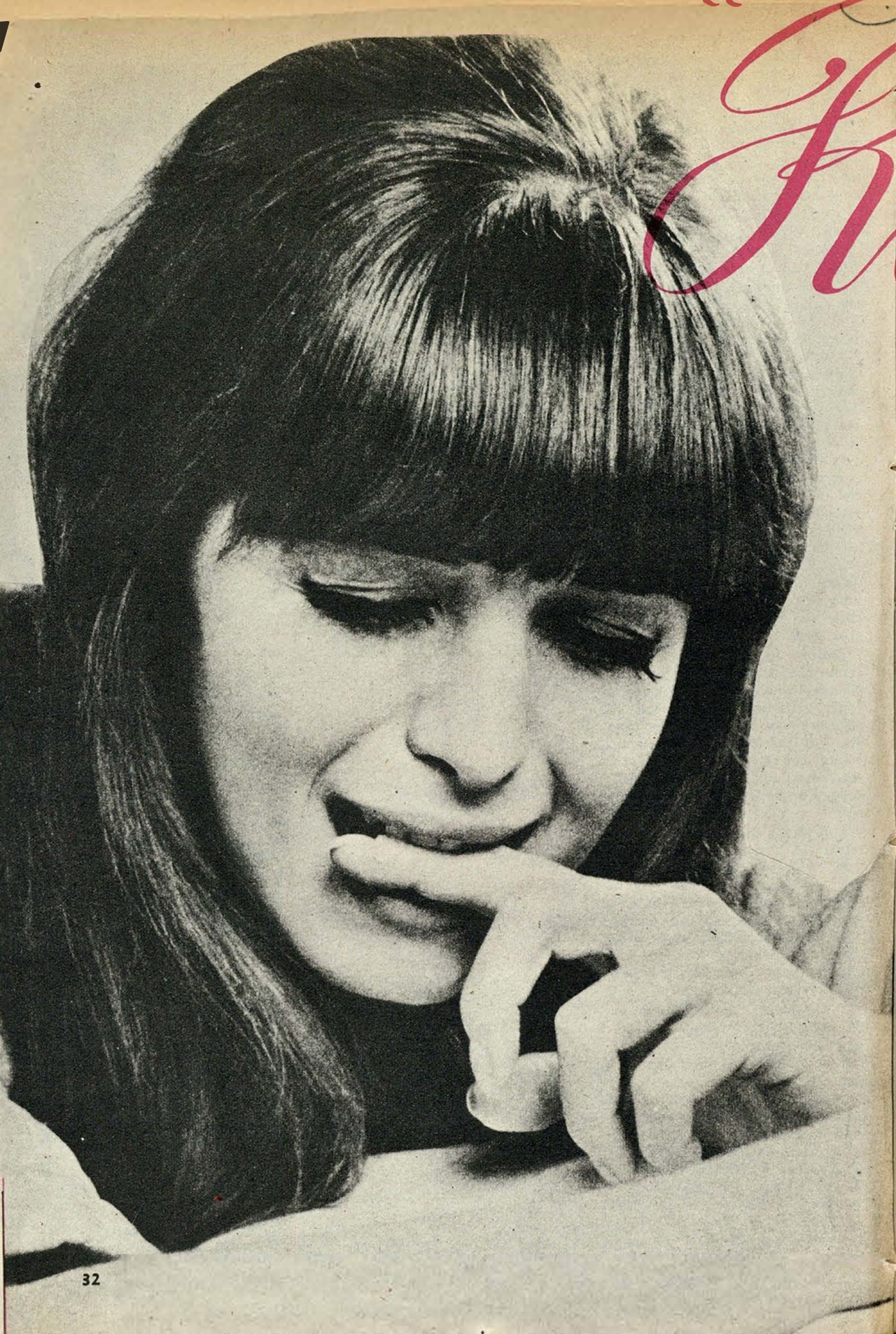
2. **Os meus cabelos.** Mudo os penteados mas uso sempre os cabelos curtos e escuros.

3. **A maquilhagem.** Não uso maquilhagens sofisticadas.

Audrey pesa menos de 50 quilos, como aos dezoito anos. Tem um corpo de manequim, que a permite vestir roupa feita, um corpo sólido, de bailarina. Em «Como roubar um milhão» (1965) penteou-se como em «Férias romanas» (1953). Tem sempre o mesmo rosto de jovem,

(Continua na pág. 70)





Romance

Jorge BERTOLDI

A jovem era feia mas muito bondosa. A maneira como ela suportava as impertinências e a maldade — sim, sim, a maldade da madrinha, a tal baronesa

«Lídia, volta a ler esse período, não o percebi bem. Leste-o à pressa. Tens assim tanto que fazer?»

«Não, madrinha. Sim, madrinha». E ei-la a ler o bocado em questão, naquela voz doce e macia, tão jovem. «Eram sete horas quando Germano, «tirada a crosta», como ele dizia, ou seja livre da camada de carvão e óleo queimado, e envergando o seu fato de passeio, chegou, em companhia da mãe, a casa do primo».

«Deixa isso. Porque hão-de os escritores actuais gostar tanto de remexer no lodo? No meu tempo escreviam sobre coisas belas e agradáveis. Óleo! Carvão! No meu tempo...».

«Sim, madrinha».

«Um dia destes telefonas a um alfarrabista para eu vender toda esta livralhada que só me suja a casa».

Um sobressalto na voz suave, uma angústia: «E o menino Carlos? O que dirá o menino Carlos quando vier? Ele gosta tanto...».

A resposta carregada de maus presságios, e ao mesmo tempo trocista: «Preocupas-te demais com o meu filho, Lídia! O que quer isso dizer? De resto não vou vender os livros dele, mas os meus».

Alguém deu a volta ao botão porque depois daquilo nada mais podia interessar, nada mais senão pensar em Lídia, na baronesa Duval, no menino Carlos, na bonita noiva do menino Carlos, filha de um grande industrial inglês e vencedora de concursos hípicas. Chamava-se June mas não a conheciam ainda e gostavam de pensar nela porque June se lhes afigurava um ser de outro mundo, que ninguém poderia vencer. E no entanto, Lídia...

Eram três costureirinhas banhadas pela mesma larga passadeira de sol, que a janela talhara. Nenhuma delas era bonita. Belos só os sonhos que sonhavam, à noite, antes de adormecer, e também ali, àquela hora. Ficavam sempre silenciosas, só mais tarde falavam, diziam coisas sem actualidade. Mas aquele silêncio era rico e pesado de sonhos. «Então, então. Lembrem-se de que o vestido da menina Vera tem que ser entregue daqui a dois dias». Trabalhavam as três no mesmo vestido. Uma

alinhava a bainha, outra trabalhava no corpo, a terceira ocupava-se das mangas. E a menina Vera, filha de um advogado conhecido, e a menina June, filha de um rico industrial, eram a mesma. Isto é, June, que ainda não conheciam, era Vera, a quem conheciam de vista. Bonita, autoritária, voluntariosa.

A tarde era mais velha, o sol enfraquecia com a idade. Aproximava-se a noite. Durante horas tinham trocado as suas impressões, enquanto as agulhas corriam sobre toda aquela mousseline rodopiante, de um rosa molhado de flores marinhas.

«Conheço uma pessoa assim», dizia Helena, a que era tão magra e desengraçada, enquanto a unha do polegar direito vincava esquecidamente uma costura.

«Quem?», perguntava Renata, a dos cabelos ralos. «A minha tia».

Emília, a que parecia um bebé obeso, ria muito. «A tua tia. Como é que a tua tia e uma baronesa...».

«Na maneira de ser», explicava Helena. «Dura, trocista. À espera de que as pessoas escorreguem e a saber muito bem o que elas sentem. À espera como... Como se chama aquele bicho, que estende a língua?»

«Não sei», dizia Renata.

«Pois é. Sabe perfeitamente que eu namoro o Rui, mas não fala nisso. Olha para mim e sorri. Como se dissesse: «Mas esta não sabe como é, nunca olhou o espelho? Não vê que ele anda a estudar, só o que quer é divertir-se?»

«Há gente assim», afirmou Emília, e os seus gestos tornaram-se mais rápidos e precisos porque os passos da mestra se aproximavam. Tinha estado lá dentro a fazer uma prova.

«Então, meninas?»

No dia seguinte, June.

«Recebi carta do Carlos, venho trazer-lhe notícias, boa amiga». Uma voz subitamente átona, superior: «Olá, Lídia, não a tinha visto, como vai?»

«Bem, muito obrigada, menina June. E a menina?»

«Pois o Carlos diz que está cá aqui por dois dias o mais tardar. Que o congresso tem sido agradável, que a sua comunicação foi um êxito...».

«Espero que para a próxima vez já o acompanhe, minha filha». E a voz da baronesa era doce, melosa.



“Romance”

Estafermo de mulher. A minha tia escrita e escarada, pensava Helena.

«Também o penso. O Carlos tem adiado sempre o casamento por isto ou por aquilo» (como o coração de Lídia devia bater naquele momento!) «mas agora não estou resolvida a concordar mais com ele. Casamos dentro de vinte dias, nem mais um, tenho tudo preparado».

A voz cautelosa da baronesa Duval:

«E... o Carlos já sabe dessa sua decisão?»

«Escrevi-lhe hoje. Tenho o vestido a fazer, era só o que faltava. A casa está pronta e fechada há um ano, bem o sabe. Já encomedei os cartões. Só espero que ele chegue para os mandar para o correio».

«Não será tudo muito apressado?»

«Muito apressado? Não está a pensar decerto no que diz! Conheço o Carlos há dois anos. Ele ganha bem a sua vida como médico; eu sou filha única. O meu pai, bem o sabe.....».

Interrupção apressada da baronesa: «Claro, claro. Tem razão, June. Tem toda a razão, June. Só pensei...». Mudança súbita de voz: «Que estás a fazer aí espantada?»

«Nada, madrinha. Julguei que a madrinha...».

«Julgaste mal... Vai lá para dentro».

«Sim, madrinha».

Estafermo de mulher.

O silêncio de todos os dias, depois os comentários habituais.

«Está com um medo danado de o perder».

«É inteligente, é médico, é barão».

«Bem sei que ela, rica como é...».

«Parece-te. As fortunas...».

Renata quase gritou:

«É isso, pode crer! Está grávida e quer casar com ele depressa, antes do escândalo... Vão ver que é isso».

A modista, nesse dia, ouvira também. «Deves ter razão. É capaz de ser isso».

A voz suave de Carlos — mesmo voz de boa pessoa — e aquele esperado diálogo entre ele e Lídia.

«A minha mãe?»

«Saiu, menino Carlos. Creio que foi às compras com a menina June».

«Às compras, ã?»

Estava nervoso, bem se sentia. «Paciência, fica para logo». Talvez fosse a sair mas voltou para trás.

«Sabes o que é uma bomba, Lídia? Pois logo vai rebentar uma bomba. Se não queres ficar magoada, mete-te no quarto logo que a minha mãe chegue a casa». Um silêncio, depois uma pergunta:

«Que idade tens, Lídia?»

«Vinte anos».

«Vinte anos a aturar a minha mãe, mereces o céu».

«A madrinha foi muito boa para mim. Iam mandar-me para o asilo e ela...».

«Claro, claro. E ela arranjou de graça uma dama de companhia para a aturar. Todas se iam embora ao fim de um mês. Dizem. Eu não me lembro. Ouve cá, Lídia...». Uma voz tão suave, tão bela, a voz dele. «Porque te penteias assim?»

«A madrinha...».

«Porque não pões um pouco de baton? E os vestidos mais curtos?»

«Oh, menino Carlos! A sua mãe...».

«Estou a imaginar-te com o cabelo curto, o vestido curto, a cara arranjada. És bonita, sabes?»

«Oh, menino Carlos!»

Uma porta que se abre, a voz da baronesa Duval.

«Já para o teu quarto, Lídia. Vai rebentar a bomba».

Que parecida era a voz de Carlos e a do Rui, pensava Helena, que, de súbito, deixara de escutar o «romance». Também ele, Rui, lhe dizia que ela era bonita, e Helena sabia que isso era verdade para ele e que os olhos da tia é que mentiam. Mais parecidas aquelas duas megeras! O grito da baronesa Duval chamou-a de novo ali, aonde estava, de agulha em riste, alinhavando um casaco.

«Não acredito!»

«Tenho provas! Note que isto é importante para mim. Nunca gostei da June, bem sabe. Casava por si, para salvar a casa. Suponho que ela não o ignorava».

«Alguém que te quer mal, meu filho. Ou à June».

«Não se trata de nos quererem mal. Ou julga que ia acreditar no que me dissessem sem procurar ter uma certeza? Não. Já tenho a certeza, minha mãe».

«Como podes tê-la?»

«Coloquei-a entre a espada e a parede. Confessou. Foi uma cena desagradável mas necessária. Uma espécie de operação».

A voz da baronesa desmaiava, quase não se ouvia. «Confessou?»



“Romance”

«Como lhe digo, minha mãe?»

«Deus do céu!»

Elas viam a baronesa tombar numa cadeira, muito pálida, com as mãos trémulas.

«Meu... pobre... filho!»

«Não se lamenta. Sinto-me de certo modo liberto. Claro acabei por me habituar à ideia de casar com a June, mas tudo acabou. Não sofro, pode crer. Estou... feliz. Tenho a vida na frente, minha mãe!»

Lá bomba tinha sido, e que bomba! Ninguém esperava por uma daquelas, nem mesmo as três costureiras e a sua mestra. Pobre, a tal menina rica e a não querer dizer-lho. Apanhava-o primeiro e depois... Era de força, a tal June. De força. Fazer uma daquelas a um rapaz como Carlos, tão decente, tão... Enfim, tão perfeito.

«Uma destas!»

«Julguei que ela estivesse grávida, mas nunca...»

«Quem havia de pensar? Há mulheres que não avaliam a sorte... Há mulheres... Porque não lho confessou? Se o tem feito...»

Se fosse comigo, pensava Renata. Ah, como eu havia de o amar!

Se fosse eu, reflectia Emília. Se encontrasse um homem como ele...

Eu, dizia em silêncio Helena. Eu serei feliz. Advinho que o serei como advinho que Lídia o há-de ser. Gosto de seguir pela rua fora, de mão dada com ele. Em silêncio. E mesmo quando me pede que vá a sua casa, limito-me a acenar negativamente e sem deixar de sorrir. Sei que tudo há-de correr bem.

Agora, oito dias depois, Lídia de cabelos curtos, saias curtas e cor no rosto, também sorria, embora com receio.

«Meu Deus, o que dirá a sua mãe ao ver-me assim? E eu que lhe hei-de dizer?»

«Ficas calada. Quem fala sou eu. Tu tens o hábito de ficar calada, não é verdade? Conserva-o durante mais uns minutos.»

«Vem lá. Ouço-lhe os passos.»

«Olá, filho. Mas... mas o que é isto? Endoideceram nesta casa?»

«Sou eu o culpado. Resolvi mostrar à Lídia que ela não é feia, que é, pelo contrário, uma bonita rapariga.»

«É que tinhas tu a ver com isso?»

«Muito, porque vou casar com ela.»

«Vais... Tu? Casar... Mas eu não estou a ouvir bem. Tu, vais casar com a Lídia?» E a voz da baro-

nesa era de estupefacção.

«Compreendeu bem o que eu disse. Sempre a considereei uma mulher esperta. Vou casar com a Lídia, e o mais depressa possível. Descobri que gosto dela e ela confessou-me que sempre gostou de mim.»

«Até aí já eu tinha chegado. Estás então... decidido?»

«Decidíssimo. Sinto-me o homem mais feliz do mundo. Fui hoje mostrar a casa à Lídia. Porque, como deve calcular, a minha mulher não vai continuar a ser dama de companhia de ninguém. De resto, estava tudo pronto. A casa é a mesma, só a noiva é que mudou.»

Uma marcha nupcial e a mão de Renata a fechar o aparelho com pena.

«Diz-se que o que acaba bem não tem história». Era a modista quem falava. «Mas olhem que isto vai fazer-nos falta. Bem sei que já está outro anunciado, mas em todo o caso...»

«Faz falta, faz», concordou Renata.

«Parece que perdemos alguém», disse Emília.

Tinham, de facto, perdido alguém, uma irmã, uma amiga. A jovem feia e tão bondosa tinha passado para o outro lado. Claro que outra viria, um dia destes.

Helena, que ia encontrar-se com Rui, ao fim da tarde, sentia-se, porém, feliz. A vida era bela, os homens eram Rui e Carlos. As mulheres eram ela própria e Lídia. A tia e a baronesa tinham ficado no último plano. Vencidas.

Nesse dia não acenou negativamente ao namorado.

Quando meses depois um novo folhetim começou (entretanto já houvera outro) — história apaixonante de uma jovem entrevada, há cinco anos numa cadeira de rodas — Helena não o ouviu embora ali estivesse. Era uma surda voluntária. O mundo exterior deixara de a interessar. As histórias nada lhe diziam, de nada lhe serviam, não a consolavam.

No mundo só ela e os olhos perscrutadores da tia, fixos na sua cintura quando ela entrava em casa. Rui, esse tinha desaparecido um dia. Ela ia cosendo, acabando o vestido de noiva da menina Vera. Não falava, não respondia a quem lhe fazia perguntas. Só sabia ficar sobressaltada, e pensar, pensar, pensar incessantemente no que havia de ser a sua vida, quem havia de lhe valer.

UMA VOZ À MARGEM

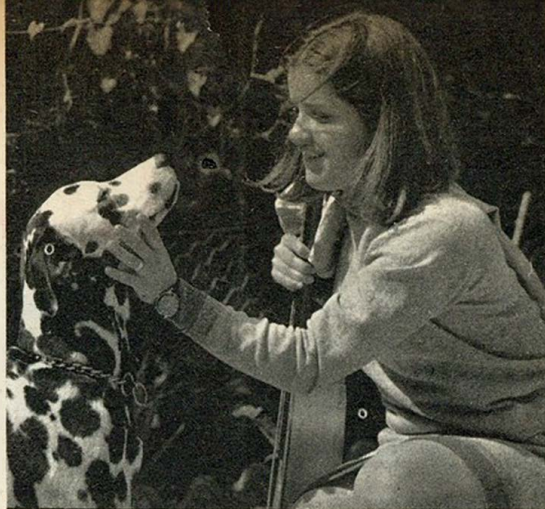
MADALENA PINTO BASTO



Uma estudante de 19 anos deixa por instantes a mesa de estudo e canta. A voz é natural, fresca e com um travo de Inteligente originalidade. Um acaso fará com que, certa tarde, essa mesma

36

voz em reunião de amigos seja passada à fita magnética e que, mais tarde, um acaso maior ainda encaminhe o pequeno rolo gravado para os escritórios de uma discoteca. Como nas histórias «made in



Entre as aulas e a «folk music», Madalena Pinto Basto tem o dia-a-dia comum a qualquer jovem de sociedade

Hollywood» assim nasceu a vedeta. Nome: Madalena Pinto Basto, uma voz que não vai ser necessário fixar porque é sucesso apenas com o primeiro disco gravado.

UMA PÉTALA NUM LIVRO

— Adoro ler, tanto como adoro cantar seja o que fôr. Mas claro que tenho preferências. A «folk music», acima de tudo, claro...

Madalena Pinto Basto está connosco. É encantadoramente simples, espontânea e alegre (e tanto que se lhe sente um enorme esforço em guardar uma certa gravidade quando fala de si). Como estudante prepara-se para tirar o curso de Agronomia, como jovem vedeta do disco prepara conscientemente (embora sorrindo sempre) um estilo que tem uma tradição e é «top hit» na escala de valores da música ligeira: o «folk music».

— Penso que a «folk music» é um apelo a uma sensibilidade realista — diz-nos ela. — Que interpreta a vida que nos rodeia com verdade e compreensão pelo sofrimento das pessoas menos protegidas pela sorte.

Neil Diamond e Michel Polmareff estão na primeira fila dos sens ídolos —

foi de resto sob a sua «protecção» que ela se lançou, uma vez que neste primeiro disco figuram os célebres «J'ai Cru Mon Rêve» e «L'oiseau de Nuit»...

— Gostaria de cantar em português, acredite. Vou tentar fazê-lo — esclarece ela — se bem que isso represente um tremendo problema. Não falta quem diga que uma letra portuguesa tem imensas dificuldades em se ajustar à melodia...

Mas tudo isso — a música, o disco — é um acontecimento que não altera a vida tranquila de Madalena Pinto Basto. Continua a estudar, mas de quando em vez interrompe para ouvir o pick-up ou tocar o violão. Nessa altura é como se a futura agrónoma fechasse o livro de estudo e depusesse nele, a marcá-lo, uma pétala de fresca juventude...

«SURF» E SIMENON

O mundo das rotações é complexo. Minucioso. Com meandros delicados como o próprio disco. Ser estreante, ter exposto nas discotecas o seu primeiro disco e viver afastado do universo publicitário e dos corredores da rádio por onde circulam os contratos e a fama é coisa difícil, dolorosa por vezes. Madalena Pinto Basto parece não se preo-



O mundo do disco é complexo. Eis uma vedeta em 45 rotações que prefere o tranqüilidade do mundo familiar aos bastidores do êxito

cupar com essa condição fundamental para o caminho do êxito (evita falar nisso — é mais do que evidente). Para ela disco e vida privada são continentes separados. Lançou-se naturalmente, «aconteceu». Com o mesmo á-vontade segue a vida de uma «jeune fille» de família — sem pressãs. sem complexos de vedeta. Um primeiro disco como o seu é um grande passo que a não deslumbra e sobre o qual não faz projectos ambiciosos.

Por isso se mantém na tranqüilidade em que a vemos. Vida simples, predilecção pelos livros e pelas coisas de arte, desporto...

— Um livro policial descontrai — diz ela. — Livros e mar são coisas que fazem bem...

Livros: Simenon e o seu inspector Maigret. Mar: o do Guincho. Nestes dois pontos estão os refúgios de Madalena Pinto Basto. As férias de verão é no Guincho que as passa, de manhã nadando, à tarde passeando na Quinta

da Marinha... de «jeep»! E de inverno, sempre que pode, é ainda o mar que a atrai como entusiasta do «surf».

A AVE DO ALVORECER

Madalena Pinto Basto já não está diante de nós mas continua presente no disco que nos deixou. Passámo-lo no «pick-up»: seguimos uma das suas melhores interpretações neste 45 rotações — precisamente a da «Ave da Noite» de Michel Polmareff.

E ouvindo aquela voz clara e sentida, estamos a rever a figura espontânea de uma jovem que passou por nós com a sinceridade de uma ave do alvorecer.

Ar livre e natureza. Ou a juventude de uma voz que não se deixa seduzir pelo êxito inesperado... E agora até o próximo disco!



querido

ÍDOLO

Um francês, Jacques-Louis Delpal, dedicou-se ultimamente a um trabalho muito curioso: a publicação de excertos de cartas enviadas pelos fans aos seus ídolos de pés de barro. Eis alguns, sem comentário:



A ANTOINE

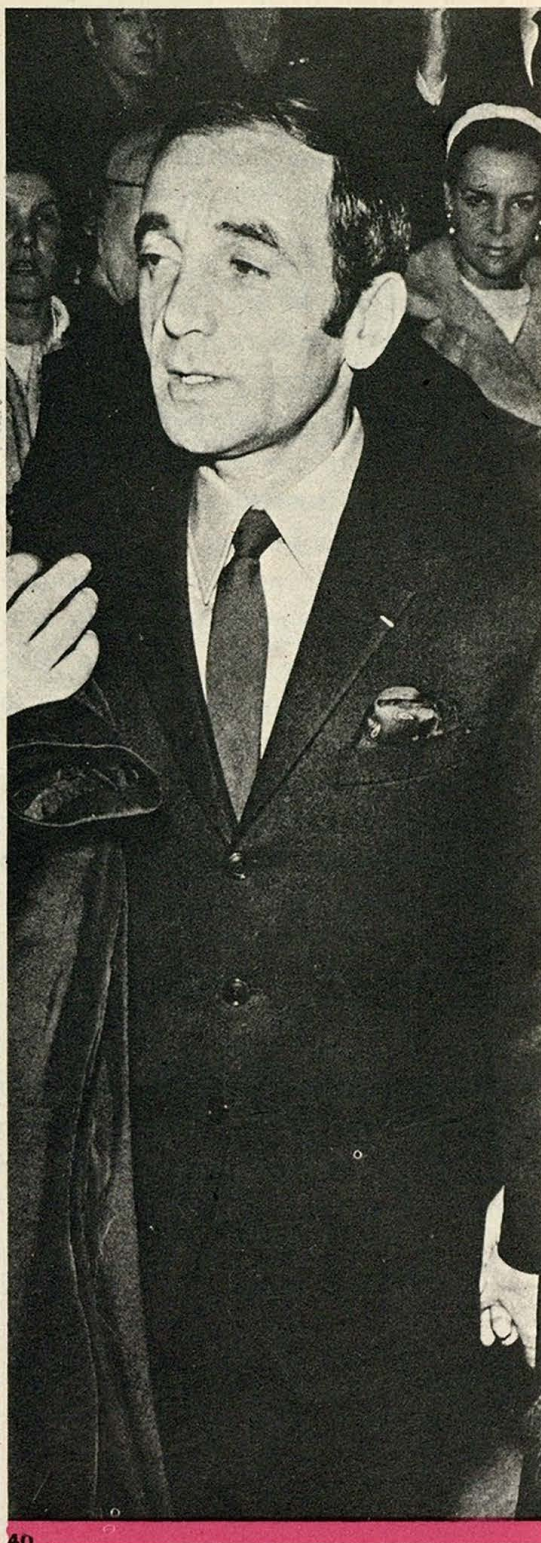
Ontém vi-te sair de casa: és olto, belo, tens cabelos maravilhosos que te enquadram o rosto. Foi para mim um delírio. Pensava: «Tens diante de ti o famoso Antoine». Sei que és um jovem cheio de coração: faz qualquer coisa por mim quando leres esta carta, porque amo-te, amo-te, amo-te, amo-te, amo-te, amo-te...»

Ex.^{mo} Sr. Antoine:

Custa-me incomodá-lo, mas trata-se de um problema importante e delicado,

Preciso do seu auxílio. Como deve saber, estou noivo de uma rapariga que diz que me ama tanto como o ama a si. Claro que o senhor nunca a viu mais gorda mas a minha vida tornou-se um inferno. Sempre que estou junto da minha noiva, ela suspira por si e farta-se de chorar a pensar em si. Pensei em romper o noivado mas não posso porque ela diz que também gosta de mim. Venho propor-lhe, senhor Antoine, que convide a minha namorada para ir a sua casa. Faça-me este favor, salve-me. Estou certo de quando o conhecer melhor, ela ficará em paz e tornará a ser calma e gentil. Convidá-lo-ei para o nosso casamento.

És um plagiador e um imitador. Não tens nada de original. Só tens copiado os outros. Se continuas a copiar o Johnny Hallyday, não sei o que te faço.



A AZNAVOUR

Entro no hospital esta noite às oito horas. Sou operada pela manhã às nove. Posso morrer. Se tal suceder quero que saibas que o meu último pensamento é para ti. És a luz da minha vida e devo-te essa recompensa. Os meus três filhos também te querem muito.



A SACHA DIESTEL

Poucas linhas para te dizer que me és antipático. Não és mais do que um pobre idiota, um imbecil, um cretino. Não consigo perceber porque agradas tu tanto às raparigas da minha idade, e menos ainda como a B.B. conseguiu suportar-te.



IMPERATRIZES, PRINCESAS E ESTRELAS

Soraya foi repudiada. Ira divorciou-se pela segunda vez. Uma delas nunca mais subirá ao seu ex-trono, a outra não é natural que suba a nenhum. Então, o cinema. A coisa não é tão estranha como à primeira vista pode parecer. Assim como os advogados são atraídos pelo teatro, os médicos pela ficção romanesca, as princesas que deixaram de o ser, sentem-se arrastadas por essa outra espécie de realeza que é a da «star» (estrela). Tal como dantes, serão fotografadas, admiradas, surgirão belas e luminosas nas capas dos grandes magazines do mundo inteiro, a sua vida privada será discutida. O nome de Soraya significa em persa sete estrelas. O número sete, de resto, obseca-a. Mas não conseguiu ser a sétima maravilha do cinema. E Ira? Veremos. Entretanto, Dino de Laurentis, filho de um humilde comerciante de Spaghetti, dirige entusiasticamente princesas. Soraya custou-lhe caro, foi um fracasso; mas ele não desiste. Uma vingança de que nem ele próprio se dá conta, ou simples snobismo?



O CEREBRO DESENVOLVE-SE COM O USO

Há pais que, ou por terem uma vida muito presa ou por qualquer outra razão, acham que há conversas que não vale a pena ter diante das crianças, porque isso, inclusivamente, as aborrece. Claro que pode aborrecê-las ouvir falar de Einstein ou de Von Braun ou até do novo romance. Sem dúvida. É talvez mesmo certo que tais conversas não as interessam. Mas atenção! Alguns cientistas americanos chegaram a uma conclusão que pode definir-se com um «slogan»: o cérebro desenvolve-se com o uso. Sim. Tal como os músculos, o cérebro precisa de ginástica. O cientista Bennet, que trabalha na Universidade de Berkeley assegura mesmo que, se fosse possível comparar a evolução de dois cérebros iguais de criança, uma delas pertencente a um ambiente culto, outra a um ambiente intelectualmente limitado, se veria que o primeiro sofreu um desenvolvimento maior do que o outro.

Vivemos uma época em que as crianças geralmente pouco lêem. A televisão (que não podemos considerar um veículo de cultura), as histórias de quadrinhos, a loucura pelo disco, afastam



a criança dos livros. Que os pais, ao menos, conversem diante delas de assuntos que possam ajudá-las. A hora do jantar é ideal. Não tenham a televisão na sala de jantar e conversem como se os vossos filhos tivessem a vossa idade. Mesmo que não entrem na conversa, algo dela lhes ficará.

PARA QUEM TENHA IMAGINAÇÃO



TECIDO ESPONJA COM APLICAÇÕES

Isto é uma toalha moderníssima, estampada em relevo, tecido esponja branco com flores coroladas em relevo, que é uma beleza.

Não devem encontrar à venda no mercado. Mas... com tanta senhora e rapariga habilidosa não haverá quem compre o tecido turco e a faça em arte aplicada?

Parece-nos que as habilidosas devem aproveitar a ideia pois conseguirão uma coisa absolutamente fora do vulgar e verdadeiramente bonita. Vamos a isso?



Sr.ª D. MARIA DE LOURDES
CASA SANDRA

“PRONTO A VESTIR” cada vez mais uma necessidade

Dia a dia, surgem novas consequências da crescente e avassaladora aceleração do ritmo de vida.

Hoje, todos os momentos estão preenchidos e nunca terá sido tão verdadeira a velha expressão que os ingleses criaram e que, agora, todos teremos de adoptar: «Tempo é dinheiro...».

É ou não verdade, cara leitora, que cada vez pode passar menos tempo na modista, para já não falar nas horas perdidas, procurando, em sucessivos estabelecimentos, o tecido que imaginou para determinado «tailleur»? De aí o despontar de uma premente necessidade: o «pronto a vestir». No estrangeiro, há muito se faz mais do que isso, procurando-se a concentração no mesmo local do cabeleireiro, da secção de estética e da «boutique», de modo a propiciar à cliente o máximo aproveitamento dos seus escassos momentos livres.

... E, em Portugal, a tendência é para seguir as pisadas do que se está fazendo lá fora, segundo depreendemos da breve troca de impressões que tivemos com a Sr.ª D. Maria de Lourdes, directora da «Sandra», uma das casas que mais procura acompanhar esta curiosa e necessária evolução.

— Há quatro anos, abri a «Sandra» apenas com duas secções: cabeleireiro e estética — onde sempre utilizámos produtos «Germain Monteil». De notar que não tive a preocupação de fazer uma casa luxuosa, mas uma casa funcional, sobretudo com empregadas competentíssimas e com a grande preocupação de nunca demorar a cliente que já não encontra no cabeleireiro o seu «hobby». O tempo passou e, mal me apercebi da evolução porque passamos, abri uma «boutique», que, neste momento, estou a ampliar, de modo a torná-la o mais completa possível, com «lingerie», malas, sapatos e, claro está, o

imprescindível «pronto a vestir». De notar que o nosso «pronto a vestir» pode ser sempre ajustado à cliente que tem duas provas para rectificar qualquer pormenor. Que pretendo, afinal? Simplesmente procurar que a cliente encontre na «Sandra» tudo o que precisa, sem ter de se dispersar por locais diferentes, portanto, sempre com ganho de tempo e sem que isso lhe saia mais dispendioso, pois os preços são bastante acessíveis.

... E, futuramente, dentro da secção de «boutique», pretendo criar uma outra secção de presentes para homens, onde as senhoras encontrarão cachimbos, águas de colónia, botões de punho, etc., para oferecerem ao marido, ao irmão ou ao noivo.





music box

Por MARIA JOÃO ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●



«Dalida». Egípcia de nascimento, a sua carreira artística divide-se entre a França e a Itália, o que explica que fale perfeitamente estas duas línguas. E, é por isso que ela nos surge a cantar ora em francês, ora em italiano, como acontece nestes seus dois discos, um em italiano outro em francês, com as mesmas canções. A escolha depende apenas do gosto de cada um. Assim temos: «Mama», «Mon coeur est pou», «Ne reviens pas mon amour» «Ciao amore Ciao», canção que não chegou à final do Festival de S. Remo e foi a causa da morte do seu autor, o italiano Luigi Tenco. Arranjos e direcção musical de Claude Denjean». Gravação «Barclay» em 45 rotações.

★

«Alain Barrière». Alain Bellet é o seu verdadeiro nome. Faz 32 anos em Novembro. Nasceu na Bretanha, em França. Diplomado em Engenharia, Allain Barrière, abandonou a sua profissão para só se dedicar à canção. Desde menino que o seu sonho era escrever canções e levá-las até ao palco. Estudou música durante 3 anos. Em 1959 escreveu as primeiras canções das quais ele mesmo diz: «é melhor esquecê-las, as palavras não prestavam e a música era pouco original».



Para melhorar as letras debruçou-se sobre os grandes poetas: Apollinaire, Verlaine e Garcia Lorca. Os triunfos começaram a aparecer. Com «Cathie», ganhou o 1.º lugar no «Coq de la Chanson». E, de então para cá os sucessos não param, para este grande autor e intérprete. Neste seu disco podem ouvi-lo em «La foire aux coeurs», «Où on s'aimait», «Sur ton visage», «Chanson trop monotone». Gravação «Barclay» em 45 r.p.m.

★

«Charles Aznavour» anda no carrocel do êxito, e o carrocel do êxito não pára. Actor de cinema, autor, cançonetista, Aznavour multiplica-se, vai dum lado para o outro em digressão triunfal. Dois novos filmes estão na sua agenda de trabalho. Um em Israel, em breve, outro esse no Verão, em Nice. E, entre uma actuação em Nova Iorque e outra no México, ele dá uma saltada a Paris para gravar. No seu mais recente disco, Charles Aznavour explica como se faz uma canção. «Pour essayer de faire une chanson» (Como um polícia em investigação procura o fôlego, a rima e a ideia. Continua a métrica...) O disco tem ainda mais três canções de grande êxito: «Mamie», «De t'avoir aimé» e «Les enfants de la guerre».



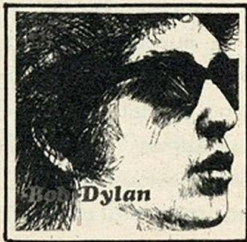
(as crianças da guerra têm a idade da pedra, do fel e do sangue). Gravação «Barclay» em 45 r.p.m.

★

«Os Ekos». Este conjunto continua a sua carreira de sucesso. Sabe o que pretende e caminha com firmeza. Produz as canções que interpreta, quase sempre. Assim neste disco agora saído, têm ocasião de os ouvir em «Baby on my mind», «O meu barco, o mar e o céu», «O Espelho» e «Secret Love». Um a gravação «Alvorada» em 45 rotações.

★

«Bob Dylan». De novo, num esplêndido disco, o grande divulgador do folclore americano, e não menos grande criador de tantos sucessos e tanta coisa boa, que deu e continuará, a dar a volta ao mundo para regalo de quantos gostam de Bob Dylan, um nome que ficará na história da música ligeira. Desta vez temo-lo em «I want you», «Obvion»



sly 5 Believers» e «Yust Lilze a Woman», tudo de sua autoria, como de costume. Gravação «C.B.S.» em 45 r. p. m.

★

«Les Surfs». No seu género é por certo o único conjunto do mundo. São seis irmãos, quatro rapazes e duas raparigas. O mais novo com 18, o mais velho com 24. Chegaram a França em 1963 para representar Madagáscar, no Salão Internacional de Televisão e Rádio. O seu sucesso foi tão grande, que ainda não tiveram oportunidade de regressar ao seu país. Os contratos somam-se. Vêm de todos os lados, Rádio, TV, discos. Chamam-lhe os novos Platters. Les Surfs justificam plenamente o prestígio e o êxito de que disfrutam. Se não oçam-nos agora em «Quando dico que ti amo», «Una rosa de tienne», «Les troubadours de notre temps», e «Si loin d'Angleterre». Acompanha-os a orquestra de «Sam Clayton». Gravação «Festival» em 45 rotações.



O DISCO MISTÉRIO

concurso
organizado pela
casa de discos
Melodia e pela
Revista Eva

Dado o grande sucesso deste Concurso, oferecemos este mês 30 discos. Os dez primeiros serão de Rafael e os restantes de outros canconetistas.



O êxito do nosso Concurso é um facto indiscutível. Já subimos o número de discos distribuídos para 30. Talvez ainda não se fique por aqui... No dia 20 de Maio passado, excepcionalmente em lugar do dia 15, como é hábito e continua a ser, os concorrentes apareceram nos «Estabelecimentos Melodia», com o mesmo entusiasmo de sempre, se não maior. Damos a seguir os nomes e moradas dos 30 contemplados:

Edgar Silva Campos, Rua 1.º de Malo, 27-r/c — Lisboa.

Fernando Manuel dos Dias Pombro, Trav. das Amoreiras, 16 — Arroios.

Fernando Manuel Marques Morato, Trav. St.ª Teresa, 21-4.º-Dt.º — Lisboa.

Luisa Maria Santos, Rua Sousa Viterbo, 59-r/c-Dt.º — Lisboa.

Maria Irene dos Santos Lopes, Trav. das Mercês, 43-1.º-Dt.º — Lisboa.

Emília Isabel Ribeiro, Rua Silva Albuquerque, 9-4.º-Dt.º — Lisboa.

Mário Pedro Rocha Oliveira, Rua Bernardim Ribeiro, 7A-r/c — Amadora.

Maria Felismina dos Santos Sousa Leitão, Rua Pedro Franco, 32-3.º-Dt.º — Amadora.

Maria Teresa Miguel, Rua do Olival, 39C-1.º-Dt.º — Lisboa.
Miguel José de Faria P. Menezes, Av. 5 de Outubro, 17-4.º — Lisboa.

Glória Abrantes Victoria, Tr. V. Bernardino, 5-1.º — Lisboa.
Maria Helena Martins de Sousa, Rua Barão Sabrosa, 229-3.º — Lisboa.

Américo José, Calçada da Glória, 40-A.
Alvaro Soares Sequeira, Trav. da Piedade, 29-1.º-Dt.º — Lisboa.
Victor Manuel Viegas, Rua Ferreira Lapa, 38-C — Lisboa.
Isabel Maria Núncio Faria Vaz, Av. Mousinho de Albuquerque, 14-1.º-Esq.

Luis Filipe Alves dos Santos, Rua da Bela Vista à Lapa, 63-2.º — Lisboa.

Maria Susette Cardoso Rodrigues Alem, Rua da Quintinha, 6-1.º-Dt.º — Lisboa.

António Manuel Mota, Rua Luís Gomes, 31 — Amadora.
Victor Manuel Correia Marques, Rua Carlos Mardel, 108-r/c-Esq. — Lisboa.

Carlos Jorge de Oliveira Amaral, Bairro da Encarnação, Rua 23, n.º 2.

Rafael Raul Faria dos Santos, Quinta da Inglesa, 1-Cave — Pontinha.

Leonilde dos Santos, Trav. da Estefânia, 20-r/c — Lisboa.
Maria da Glória Abrantes.

Rui Manuel dos Reis F. da Silva, Rua B-Bairro Catarino, 53.

Luis Filipe Paulo Ferreira, Rua S. Lourenço, 21-1.º — Lisboa.

José L. Marques, Trav. St.ª Teresa, 21 Porta 1 — Lisboa.

José Luís Vicente Lopes, Rua das Amendoeiras, 34-1.º — Lisboa.
Maria Jacinta Duarte Nogueira, Rua do Sol ao Rato, 27-4.º-Dt.º — Lisboa.

Carlos Alberto Santos Silva, Trav. St.ª Estefânia, 20-r/c — Lisboa.

REGULAMENTO DO CONCURSO «DISCO MISTÉRIO»

1) No dia 15 deste mês, das 3 às 5 da tarde, aos trinta primeiros leitores da «Eva» que se apresentarem com este exemplar da revista na casa de discos Melodia, rua do Carmo, 23-27, será entregue gratuitamente um disco de 45 rotações.

2) No caso do dia 15 calhar a um domingo ou feriado, a entrega gratuita do disco far-se-á na segunda-feira imediata.

3) O disco oferecido será seleccionado pelos estabelecimentos Melodia e pela nossa revista entre os maiores sucessos do mês.

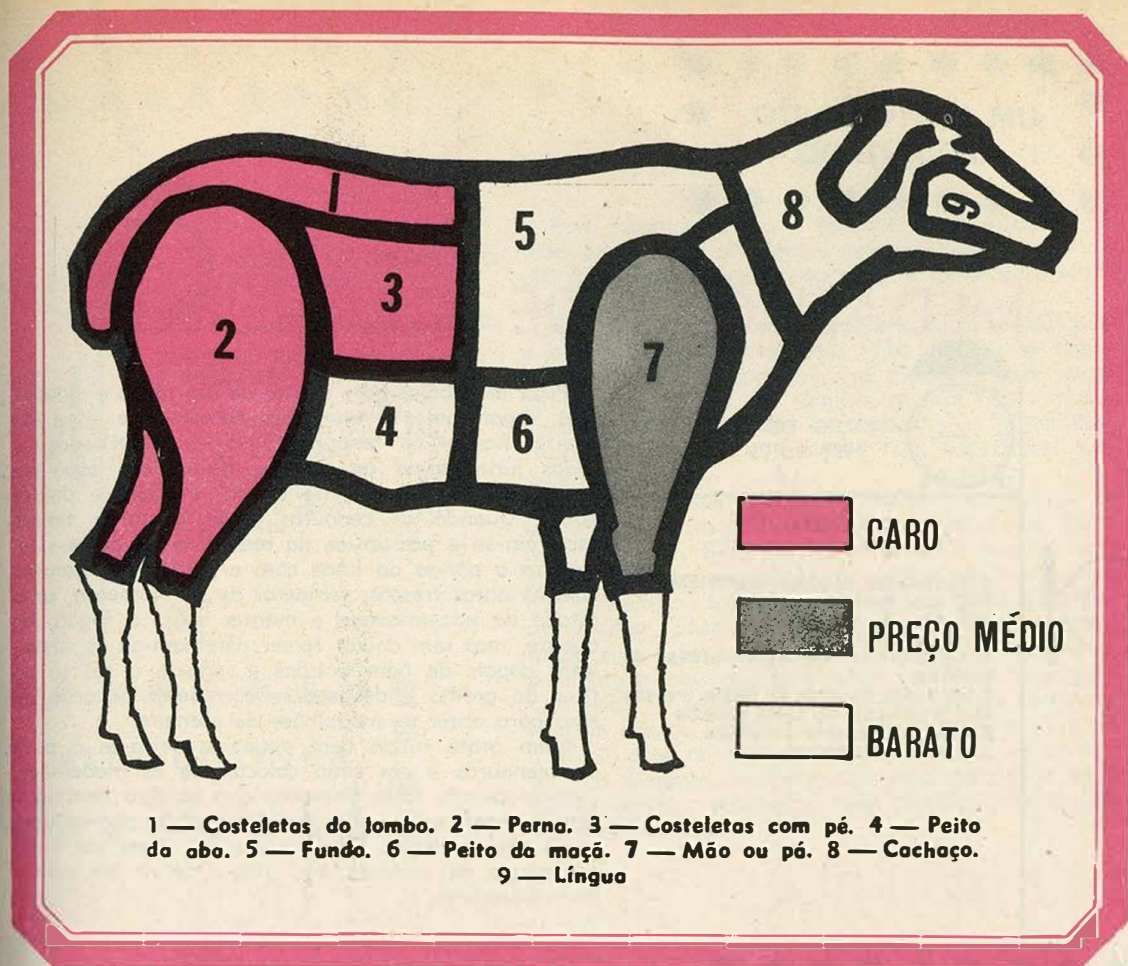
Procure os Estabelecimentos Melodia no dia 15 de cada mês e terá por 6 escudos que é o preço de cada exemplar da «Eva» um disco mistério de 60 escudos.



RAPHAEL

Raphael Martos, apenas conhecido por Raphael, é o intérprete espanhol mais discutido e também o mais admirado. O seu estilo pessoal, o seu domínio no palco e a sua indiscutível personalidade, transformaram-no no cantor n.º 1 de Espanha, tanto na venda de discos como na popularidade. Raphael nasceu em Lífiarés, Andaluzia. Estudou no Colégio dos Padres Capuchinhos, de onde três vezes foi expulso e outras admitido, atendendo a que era imprescindível no coro. Deixou definitivamente o colégio aos 11 anos, por uma vocação irresistível: cantar. Em Madrid estudou canto e aperfeiçoou a voz com o maestro Gordillo. Aos 16 anos apresentou-se em público pela primeira vez. A sua oportunidade surgiu na eliminatória espanhola do Festival da Eurovisão em 1962. Apesar de desconhecido, alcançou o 3.º lugar e gravou o primeiro disco. Nesse mesmo ano, apresentou-se no Festival de Benidorm, onde ganhou os prémios:

lugar de honra para a canção «Llevan» e o de interpretação. Desde aí os seus discos começaram a impor-se e a tornarem-se rapidamente populares, e para Raphael os contratos multiplicam-se. Televisão, Rádio e as melhores casas de espectáculos. Depois, passou além fronteiras. Paris reclama-o. Efectua também uma digressão por Portugal. Quando volta a Madrid começa a trabalhar no seu 1.º filme, «Las gemelas». Em seguida foi a Munique gravar em alemão, percorrendo a Alemanha, passou à Áustria. As suas gravações percorriam a Europa e a América. Foi à Turquia, Grécia e ao Líbano. Na vida de Raphael, o dia 3 de Novembro de 1965 é uma data histórica. Pela primeira vez deu um recital de mais de duas horas, como única vedeta do programa, interpretando vinte e sete canções. E o teatro da Zarzuela de Paris, encheu-se de aplausos. Com a canção «La canción del tamborilero», apareceu no 1.º lugar em todas as listas de venda. Foi o disco mais vendido em menos tempo na história da indústria fonográfica espanhola. Em Fevereiro do ano passado foi escolhido para representar a Espanha no Festival da Eurovisão no Luxemburgo, com a canção «Yo soy aquel», que fez voltar as atenções sobre ele. Em seguida foi a Londres como vedeta, no «Show de Petula Clark» da BBC-TV. Em Abril de 1966, foi a figura central do filme «Cuando tú no estás». A banda sonora do filme converteu-se num grande êxito. Este ano, Raphael foi de novo escolhido pela televisão espanhola, para representar o país no Festival da Eurovisão, que se realizou em 8 de Abril em Viena, com a composição de Manuel Alejandro «Hablemos del Amor», que foi a grande vencedora do disco mistério deste mês. Actualmente, Raphael efectua uma digressão por toda a América. Este artista, grava para a Hispavox, em exclusivo.



O CARNEIRO

O carneiro é a mais leve e substancial das carnes convindo perfeitamente aos convalescentes e a quantos não convém a vaca e o porco.

Para ser bom, o carneiro deve ser novo. Mas muito fresca, seja que carne for terá a consistência de borracha pelo que convém sempre tê-la dois dias no frigorífico. O carneiro de boa qualidade é vermelho claro. E não esqueçam que o alho reforça o paladar do carneiro.



* * * * *

**UM PRATO MUITO
REQUINTADO**

* * * * *

MEDALHÕES DE CARNEIRO



TEMPO DE EXECUÇÃO
1 hora e um quarto

PORÇÕES PARA
4 PESSOAS

8 costeletas médias, perfeitas
500 grs. de cenouras
125 grs. de cebolas
3 colheres de azeite
Uma colher de sobremesa de
farinha
2 colheres de sopa de natas frescas
Um punhado de salsa picada
Sal, pimenta, noz moscada
30 grs de manteiga



Picar as cebolas para dentro de um tacho e alourá-las vagarosamente em duas colheres de sopa de azeite. Raspar as cenouras, lavá-las e cortá-las às rodas juntando-as às cebolas, deitar um copo de água, temperar levemente de sal e tapar e deixar cozer. Quando as cenouras estão bastante tenras escorrem-se e passam-se na rede fino do passe-vite. Voltam a pôr-se ao lume com a farinha e ligam-se com as natas frescas, temperar de sal, pimenta, uma pitada de noz-moscada e manter sobre o fogão, ao quente, mas sem deixar ferver. Grelham-se as costeletas depois de bem batidas e, põe-se o sal só ao tirar da grelha e despega-se com jeito o carne do osso para obter os medalhões de carneiro.

Num prato fundo bem aquecido deita-se o puré das cenouras e em cima colocam-se os medalhões. Tem-se picado salsa finíssima que se tem amassado com a manteiga e sobre cada medalhão põe-se uma avelã dessa mistura. Rectificar o sal, moer por cima um pouco de pimenta em grão e servir em pratos bem aquecidos.

* * * * *

**UMA ENTRADA FEITA
DE RESTOS**

* * * * *

CROQUETES COM AIPO



TEMPO DE EXECUÇÃO
1 hora e 45 minutos

PORÇÕES PARA
6 PESSOAS

250 grs. de restos de carne de
carneiro
Uma cabeça de aipo
Uma malga de molho béchamel
duas boas colheres de farinha
1/4 litro de leite
2 ovos
Pão ralado
Sal, pimenta
Óleo para fritar



Cozer a parte branca do aipo, cortado em bocados durante meia hora em água e sal. Estando cozido escorre-se e corta-se miúdo. Picam-se os restos do carne tirando-lhe gorduras e nervos. Mistura-se o aipo e a carne com o molho béchamel o que se juntam as gemas dos ovos, uma pitada de noz-moscada, ligando bem. Quando formar uma massa homogênea deita-se numa vasilha baixa e larga e deixa-se arrefecer.

Tomam-se depois, pequenas colheres de massa a que se dá feitio nas mãos passando em seguida primeiro pelo clara dos ovos batida vulgarmente, depois por pão ralado.

Fritar em bastante óleo ou azeite bem quente e servir com um molho de tomate e arroz branco ou puré de batata.

RÁPIDO... MAS
NÃO BARATO

○ «CHADKIK»



TEMPO DE EXECUÇÃO
45 minutos

PORÇÕES PARA
6 PESSOAS

400 grs. de pá de carneiro
450 grs. de toucinho fumado
3 tomates pequenos
3 pimentões
100 grs. de cogumelos
2 colheres de sopa de azeite
Sal e pimenta

Para fazer este prato facilimo, bom e rápido, é indispensável ter os espetos próprios para os espetados no grelho, que não são coros e ficam poro sempre.

Corto-se o carne em quadrados de 2 cm de lado e o toucinho em rectângulos finos. Saltear os cogumelos (de loto nacionais) em manteiga com sumo de limão, cortados em lâminas grossas. Os tomates igualmente cortados em quadrados e os pimentões, depois de tirados as pevides, em bocadinhos pequenos.

Enfiar nos espetos, alternadamente um bocado de carne, tomate, toucinho, cogumelo e pimentos. Tudo bem apertado. Besuntar os espetos já prontos com azeite. Colocam-se sobre uma grelha de forno. Se o não tiverem, ou fazem como qualquer outro grelhado, ou, melhor, põem os espetos no forno num prato fundo com o lodo não ponteagudo poro cima. Meter em forno o mais quente possível (como se fosse para «rosbeef») e voltar os espetos a meio do cozadura. Não se põe sol antes de ir poro o forno, é somente à saída dele no momento de servir que se porá o sol e o pimento. Servidos com esparregado de espinafres, arroz à indiano ou ovos mexidos com tomate são uma delícia.

ALTA COZINHA

PÁ (OU MÃO) DE CARNEIRO RECHEADA



TEMPO DE EXECUÇÃO
3 horas e 15 minutos

PORÇÕES PARA
6 PESSOAS

Um bom quilo de pá
150 grs. de salsichas
100 grs. de azeitonas pretas
3/4 litro de caldo de carne (cubo)
Um copo dos de vinho do Porto de conhaque
250 grs. de arroz
Sal, pimenta, especiarias

Pedir ao talhante que desosse o mão ou pá de carneiro pois chamo-se dos duas formas segundo os regiões em que se vive.

O lugar donde saiu o osso recheio-se com os salsichas passados pelo máquina, enrolo-se e amarra-se como um paio. Num tacho põe-se o azeite o aquecer e alouro-se bem nele o carneiro de todos os lodos.

Quando já está escorre-se o molho todo do tacho e deixo-se a carne sem nodo. Deito-se então o conhaque e com um fósforo deito-se-lhe o fogo. Quando se apago torno-se o deitar no tacho o molho todo que se escorreu, os azeitonas, sal, pimento, uma pitada de noz moscado, popriko, cominhos (muito pouco) e também uma pitada de erva doce. Ao mesmo tempo deito-se o caldo feito com o cubo. Topar e deixar cozer. Durante esse tempo coze-se durante cinco minutos em água o ferver o arroz. Passado este tempo escorre-se rapidamente e junta-se ao carneiro.

Isto só quando o carneiro estiver quase pronto. Se o arroz não absorver todo o molho do carne, escorre-se o que restar e aproveita-se poro qualquer sopa ou guisado. A carne serve-se com o arroz, cortado em fatias, e bototinhos «duchesse».

* * * * *
 * **BARATO** *
 * **POUCO CONHECIDO** *
 * * * * *

LÍNGUAS DE CARNEIRO À BORDALESA



TEMPO DE EXECUÇÃO
 2 horas e 15 m.



PORÇÕES PARA
6 PESSOAS

4 línguas de carneiro
 3 grandes cenouras
 3 alhos porros ou franceses
 1 nabo, 1 cebola picada, louro,
 tomilho, salsa
Molho:
 3 colheresadas de sopa de farinha
 2 colheres de azeite
 250 grs. de puré de tomate
 1 copo de vinho branco
 1/2 litro de caldo
 Pimenta, noz muscada, estragão,
 paprika, cominhos, alcaparras.

Como para um cozido, põe-se as línguas ao lume em água fria, escumam-se e quando a água ferve metem-se os legumes. Deixar cozer hora e meia. Na última meia hora preparemos o molho: numa caçarola espessa aquece-se o azeite, junta-se o tomate, depois a farinha, depois o vinho branco quente, depois um bom 1/2 litro de caldo instantâneo, temperar, e pôr as especiarias.

É necessário arrancar a pele às línguas ao cabo de 10 minutos de fervura, e quando estão prontas cortá-las em quatro e metê-las no molho. Apurar um pouco e servir. Pode acompanhar-se com arroz branco, couve-flor à «maitre d'hotel» ou qualquer puré ou legume.

* * * * *
 * **UMA SOBREMESA** *
 * **RÁPIDA E DE PREÇO** *
 * **RAZOÁVEL** *
 * * * * *

BROAS DE CORINTOS



TEMPO DE EXECUÇÃO
 15 minutos



PORÇÕES PARA
4 PESSOAS

125 grs. de farinha fermentada
 75 grs. de passas de Corinto
 125 grs. de manteira ou margarina
 e mais um pouco para untar
 125 grs. de açúcar areado
 2 ovos
 Uma colher de sopa de rhum

Lavar as passas de Corinto, secá-las num pano e pô-las a inchar no rhum mais de morno.

Numa malga, pôr 125 g de manteiga ou margarina amolecida e batê-la em creme com o açúcar, trabalhando-a com uma colher de pau até que esteja lisa. Incorporar em seguida os ovos inteiros um a um, a farinha, e as passas de Corinto.

Acender o forno.

Untar bem com manteiga um tabuleiro e polvilhar levemente com farinha. Espalhar no fundo com intervalos de 3 cm umas bolinhas de massa pois vão alargar com a cozedura. Cozê-las em forno bem quente 6 a 7 minutos. Descolá-las do fundo com uma faca ainda quentes.



UM BOM
PETISCO

CARNEIRO À CAÇADORA



TEMPO DE PREPARAÇÃO
1 dia... e 1 hora

PORÇÕES PARA
10 PESSOAS

Uma perna de carneiro de 2 a 2 quilos e meio
Para a marinada:
2 colheres de sopa de azeite
1 dente de alho, uma échalota,
2 cebolas, 1 cenoura
Um copo dos de vinho de vinagre
2 copos de vinho tinto
Um pequeno copo de aguardente
Pimenta em grão
Sal, 1 cravinho da Índia
Uma rodela de limão
5 bagas de zimbro
Para o molho:
Três copos de caldo instantâneo (cubo), um picado de échalota
um ramo de cheiros
50 grs. de manteiga
Outro tanto de farinha
Cebolinha e salsa picados

De véspera, preparar a marinada. Faz-se alourar no azeite o alho e a échalota, depois acrescenta-se o vinho, o vinagre e a aguardente e os cheiros.

Deixa-se apurar uma hora. Retirar do lume, esperar que esteja completamente fria e depois despejar sobre o carneiro que se terá numa vasilha em que fique todo coberto pelo marinada. Deixar marinar um mínimo de 12 horas a um máximo de 3 dias faltando várias vezes durante o dia.

Quando se for cozinhar tirá-lo da marinada e secá-lo bem seco num pano limpo. Colocar no tabuleiro de assar (do próprio fogão) uma grelha, e pousar nela o carneiro bem untado de azeite.

(Sirvam-se de um pincel ou uma pena). Deitar duas colheres de marinado no fundo do tabuleiro (não sobre o carneiro). O forno, antecipadamente aceso, deve estar escaldante os primeiros 10 minutos paro secar bem a carne. Depois pô-lo em quentura normal. Voltar a perna do carneiro e besuntando-o sempre com azeite e nunca com o molho que largo. Contar como necessário para cozer 25 minutos por cada kilo.

Enquanto o carneiro assa preparar o molho da seguinte maneira:

Sobre o lume fazer reduzir a metade dois copos da marinada que sobrou; por outro lado alourar em manteiga o picado da échalota, juntar a farinha para obter uma mistura untuosa e bem loira, molhar com a marinado que se reduziu o caldo, e juntar o ramo de cheiros.

Deixar apurar 1/2 hora em lume brando. Retirar do lume e juntar o cebolinha e a salsa picados. No momento de servir cortar a perna em fatias. Rodeá-lo de caixinhas de tortas recheados de geleia de groselha e raminhos de agriões. Servir à parte o molho em molheira.



PARA SERVIR
COM PURÉ

BIFES DE CARNEIRO



TEMPO DE EXECUÇÃO
15 minutos

PORÇÕES PARA
4 PESSOAS

400 grs. carneiro picado
1 ovo
Pão ralado

Passa-se o carneiro cru pela máquina e formam-se com ele oito bifes. Temperam-se de sal, pimenta e bastante paprika, passam-se pelo ovo batido e pão ralado e fritam-se em óleo ou azeite. Porvilham-se de salsa picada e servem-se sobre um puré de batatas, de cebolas, ou de espinafres ou cenoura.

PEQUENOS PORMENORES DE BOA DECORAÇÃO

Um bonito móvel não chega para por si só embelezar a sala ou o quarto onde está. À maneira como foi, colocado, o quadro ou o bibelot que lhe pôs em cima, são muito importantes, porque ajudam a criar ambiente

2/COM MÓVEIS RÚSTICOS

Uma arca rústica, bonita e muito útil com gavetas, colocada por baixo de um nicho de quatro prateleiras, com porta de vidro e ferro forjado, é um lindo motivo decorativo e pouco vulgar. Duas cadeiras simples e um objecto de cobre completam a decoração. O azulejo do chão não é de desprezar. Ajuda a dar ambiente, mas pode ser substituído por qualquer boa imitação de plástico.

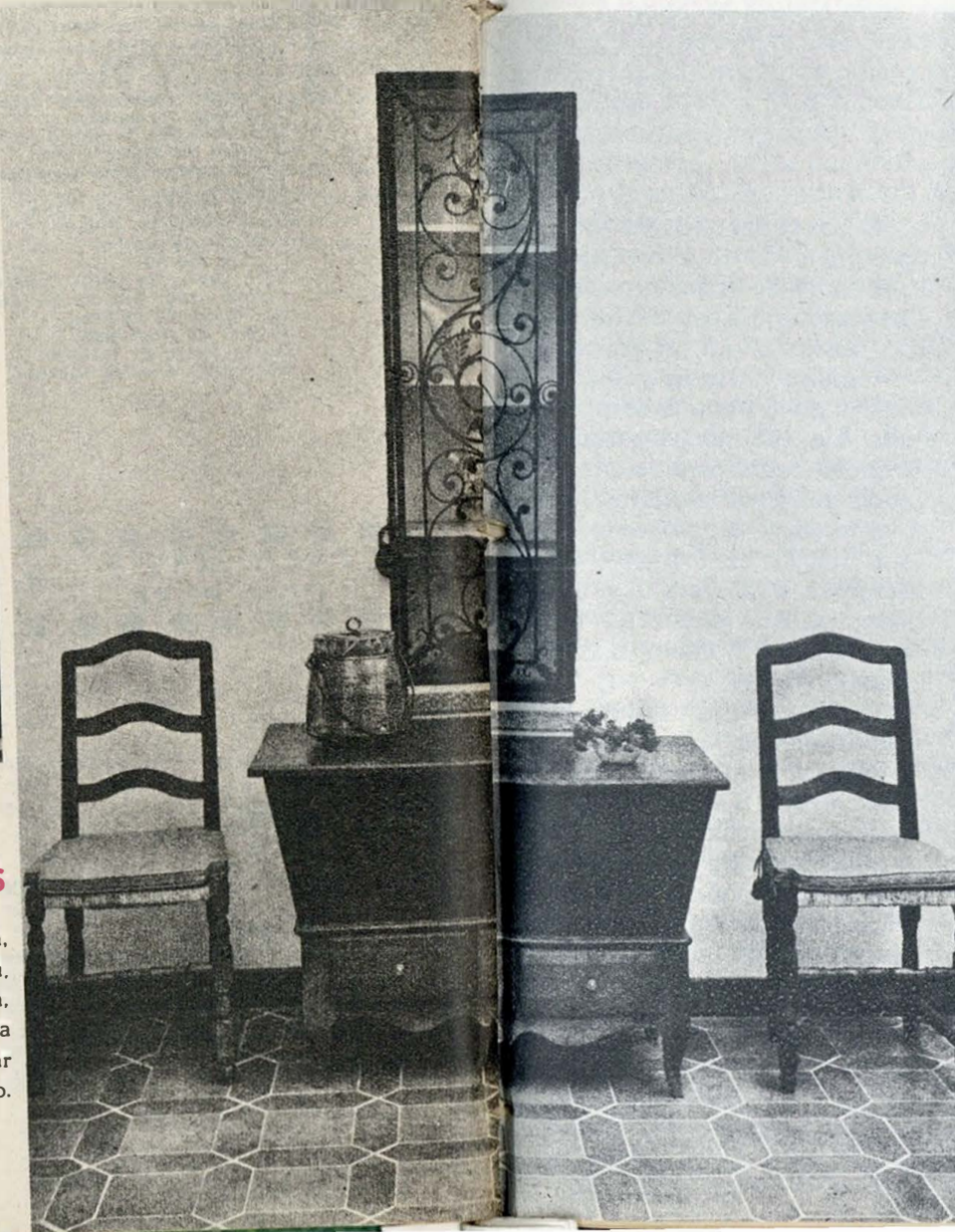
3/UMA BONITA CANTONEIRA

Na casa de jantar, rústica também, eis um recanto simpático. O mosaico preto e branco do chão, dá luminosidade à casa e ajusta-se às loiças, brancas na sua maioria, do móvel de canto. Na parede uma boa reprodução de um quadro. Como no caso anterior o pavimento que não é fácil encontrar assim nas casas já feitas, pode obter-se nos materiais hoje correntes para forrar pavimentos.



1/COM MÓVEIS ANTIGOS

Esta linda mesinha espanhola em estilo seiscentista, basta para embelezar uma pequena sala ou, melhor ainda, uma entrada. A cadeira empalhada, vivamente colorida e desenhada, é da mesma época, em estilo catalão. Reparem na maneira de colocar o quadro e o castiçal e também no chão.



A princesa e o DIPLOMATA

Cupido 1967 escolheu, como alvo de grande sensação, os príncipes enamorados. Em cerca de um mês duas jovens da realeza anunciam o casamento e mobilizam a imprensa e a expectativa do público para um cerimonial de solenidade e de elegância.

Aconteceu isso com Pilar de Bourbon, Princesa de Espanha, no dia 5 de Maio. Acontecerá assim, 45 dias mais tarde, com Margrethe, princesa da Dinamarca, que preferiu o amor à tradição, escolhendo para marido um jovem diplomata da República.



Uma vez unidos, Margrethe e Henri passarão a viver no castelo d'Amalienborg, situado em pleno coração de Copenhague.

CINDERELA... AO CONTRÁRIO

O casamento de Margrethe e Henri é um pouco um conto de fadas em que a princesa une o seu destino ao do pastor. Aqui, a princesa é herdeira da mais velha dinastia da Europa e será rainha. Ele, um modesto fidalgo francês, secretário de embaixada em Londres. Um casamento de amor, portanto, em que não é o Príncipe que descobre a Cinderela, mas a Princesa que encontra, fora do Paço, o homem da sua vida...

Outrora era a política dos casamentos que fazia os príncipes franceses de sangue reinar sobre os povos estrangeiros. Hoje é somente o amor que leva ao trono um jovem funcionário da República. Um milagre? Um escândalo? Não, somente uma

**MARGRETHE e HENRI —
o triunfo da felicidade sobre
o protocolo.**



felicidade. O herói deste romance de amor pertence a uma velha família do Béarn, outrora opulenta, hoje relativamente modesta, porque os tempos mudaram e perderam as grandes propriedades que possuíam na Indochina.

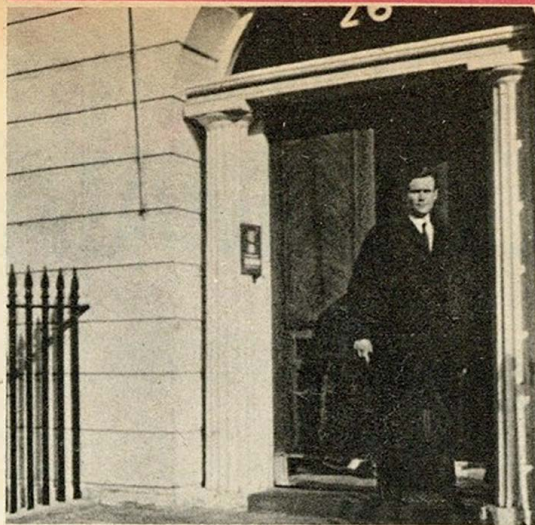
Claro que os Monpezat não são pobres, e agora Henri, com um casamento mais do que esplendoroso fá-los sair da sua existência apagada. Ele vai ser o esposo de uma princesa herdeira e os seus filhos terão direito de sucessão à mais velha coroa real da Europa. Não é um conto de fadas mas a sequência de uma série de acasos felizes.

OS ESPINHOS DA COROA

Chegado de França onde era terceiro secretário de embaixada, Henri de Monpezat, pôs um dia os pais a par do seu fabuloso futuro. Mas a confiança que lhes fez ficaria secreta porque os pais da princesa, principalmente a rainha Ingrid, ainda se mostravam reticentes. Ela desejava para a filha uma união mais igual, com um príncipe de sangue real ou, à falta deste, com um membro da aristocracia dinamarquesa; não com um estrangeiro. Logo, porém, que conheceu o conde de Monpezat compreendeu que os dois jovens se amavam. Formavam, de resto, um lindo par. Ele, trinta e dois anos, belo atleta, de olhos azuis, maneiras perfeitas, sério e refletido, de uma gentileza ao mesmo tempo calorosa e reservada. Ela, vinte e sete anos, uma beleza escandinava, talvez demasiado alta. Henri, porém, é uma mão travessa mais alto do que ela.

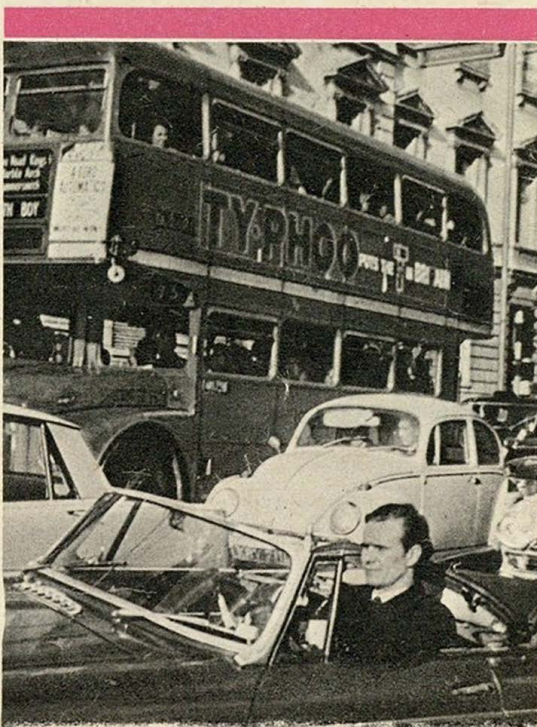
Diga-se o que se disser, em amor a mulher é que escolhe. Neste romance principesco, foi Margrethe quem tomou a iniciativa. Se ela o não tivesse feito, é certo que o jovem diplomata, prudente e reservado, não teria ousado erguer os olhos para ela.

Duas das últimas fotografias de Henri. Cenário: Londres. Numa delas, saindo de casa, na outra ao volante do seu M.G. verde, a caminho da embaixada francesa, onde era secretário.



O primeiro encontro de ambos realizou-se em Londres, durante uma reunião mundana. Apresentação rápida e banal. Henri achou que aquela princesa nórdica era na verdade muito bela, mas apagou-se discretamente na multidão anónima. Com Margrethe, porém, foi o amor à primeira vista e a princesa fez com que Henri fôsse convidado para assistir a um casamento, na Escócia. Henri ficou surpreendido porque não conhecia ninguém das famílias dos noivos.

A princesa estava presente e não escondeu a Monpezat a alegria que sentia por o encontrar. Para o regresso a Londres, Margrethe marcou no avião o lugar ao lado do diplomata.



A princesa e o

DIPLOMATA

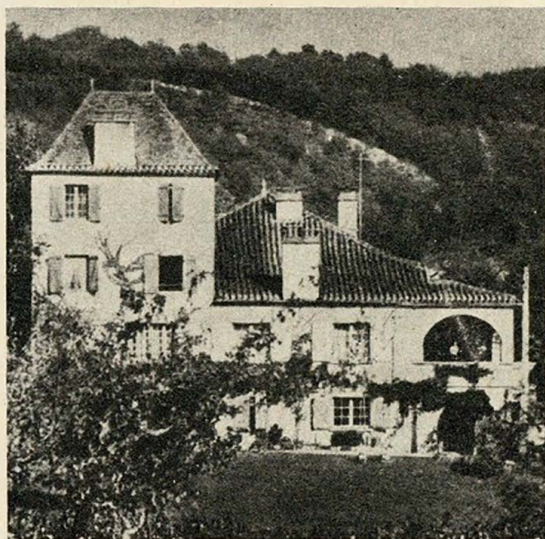
AS COINCIDÊNCIAS FELIZES

Depois disso, encontraram-se muitas vezes. Por acaso. Por acasos do mesmo género? Talvez.

Quando se considera o espantoso êxito de Henri de Monpezat, as pessoas perguntam a si mesmas qual será o segredo da sua sedução.

É belo, sem dúvida, mas é também o contrário de um play-boy. A sua elegância é sóbria, invisível, clássica: a elegância dos funcionários do Quai d'Orsay. Veste sem fantasia. É um homem de aspecto sério. Foi bom aluno.

Após uma licenciatura em letras e o serviço militar, entrou para a carreira diplomática, e aos 30 anos estava em Londres. É um intelectual. Não tem a desenvoltura que agrada às mulheres. Há, no entanto, em si um halo de mistério que flutua sobre a sua reserva e a sua gentileza e que talvez venha da



É nesta casa francesa da Gosconha que vivem os pais de Henri. Foi aqui que o diplomata surpreendeu a família, anunciando-lhe o casamento com a herdeira do trono da Dinamarca.

sua longa estadia no Oriente. Aprendeu o vietnamiano e o chinês antes mesmo da língua francesa. Toca piano muito bem, pinta.

Em Londres vivia numa garçonnière modesta, em Bryanston Square. A porteira arrumava-lhe a casa e levava-lhe às 8 horas o seu «continental breakfast». Essa mulher considerava-o um gentleman e explica as suas razões: «Quando dá uma ordem parece que nos pede um favor».

Durante três anos, Monpezat levou pois em Londres uma vida de funcionário pontual. Às 10 horas chegava ao seu gabinete. Encarregado pelo embaixador Geoffroy de Courcel da direcção dos secretariados, trabalhava até à 1 hora. Ia então comer um grelhado com os amigos num dos pequenos restaurantes franceses do strand. Às três horas voltava à embaixada para a rotina dos casos correntes ou para assistir a qualquer recepção oficial. Às sete horas ficava livre. O que se pode fazer da sua noite de celibatário bem educado? Por exemplo, jantar num restaurante chinês de Soho, depois beber qualquer coisa na «Annabelys», o clube privado mais sofisticado de Londres, onde vai a princesa Margaret, os Lords, as jovens starletts. Às 11 horas regressava a casa e ouvia música. Quanto aos «week-ends» passava-os com os amigos e praticava os seus desportos favoritos: natação, ténis, equitação.

Não é um programa de Don Juan. Nada de excêntrico, nada de demasiado brilhante, nada de equívoco. Usa cabelo curto e chapéu de diplomata. Se chove, guarda-chuva.

Henri de Monpezat é o tipo do francês médio, bem educado.

Quanto a Margrethe, não foram pretendentes que lhe faltaram. Pode dizer-se que só pode ter sido o embaraço da escolha. Desde William of Gloucester a Miguel de Kent, passando por o conde Patrick de Lichtfield e o conde Ulrich de Haxtenhausen. Este último, parece não se ter consolado e dirigir o mau humor da aristocracia dinamarquesa contra Henri de Monpezat.

Durante dez anos, Margrethe pensou sem se resolver. Olhava, do alto da sua



O amor, um meio de conhecer um povo. Nos seus passeios com Margrethe, Henri, que fala correntemente francês, inglês e chinês, aprende agora o dinamarquês.

APRENDER A SER PRÍNCIPE

Para se tornar príncipe consorte, Monpezat é obrigado a mudar de nome, de nacionalidade e de religião. Católico praticante, Henri aceitou porque um casamento misto nunca lhe permitiria assumir todos os deveres do Estado e chocaria a opinião pública da sua nova pátria, 99% luteriana. O perigo da excomunhão, que ele receava, foi afastado pelo Concílio Ecumênico, e Henri, o príncipe Henrik da Dinamarca, ficou mais sossegado.

Esse homem tranquilo que fala tão bem o inglês, o vietnamiano e o chinês como a sua própria língua, aprende agora com afinco o dinamarquês. Faz progressos rápidos, o que é normal porque tem o melhor professor do mundo: a mulher que ama.

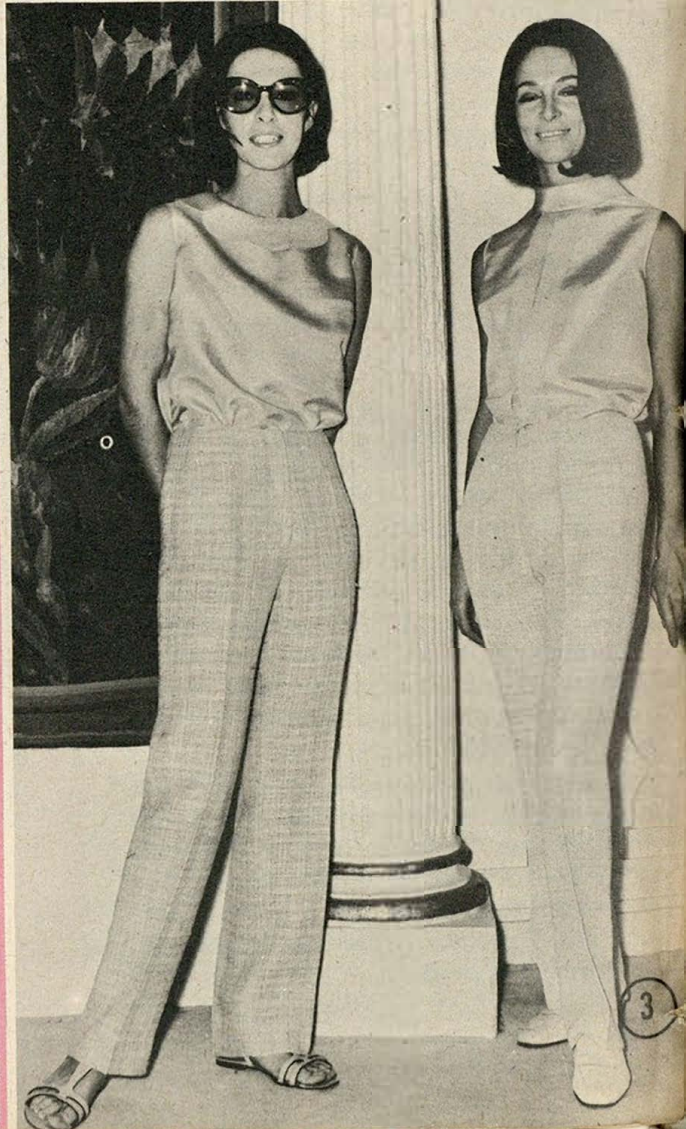
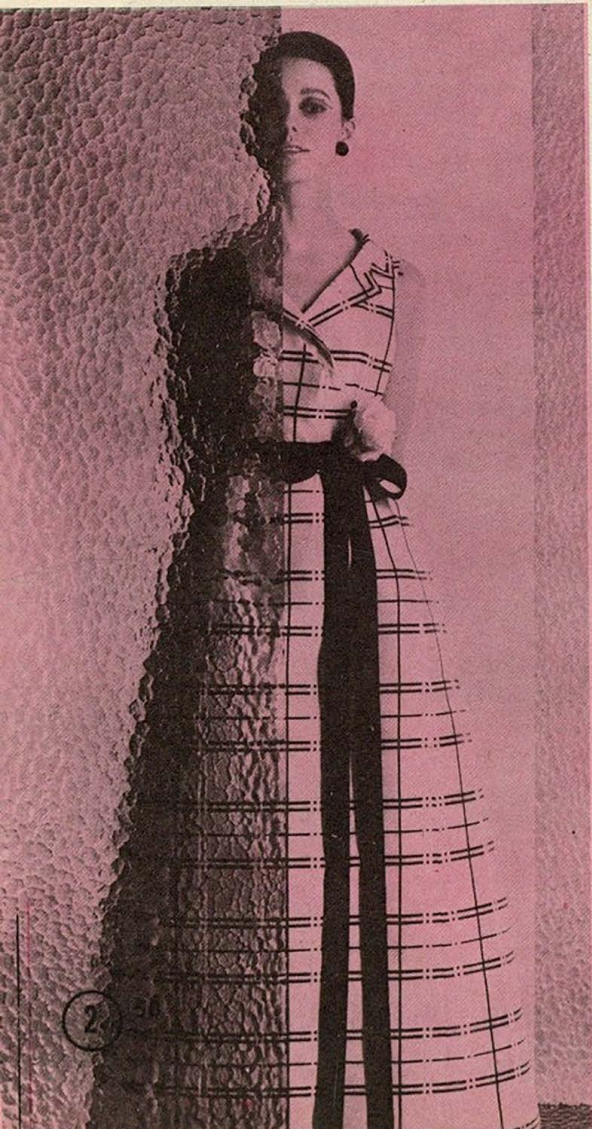


CASINOS

TENDÊNCIAS OPOSTAS



Calças de linho azul e rosa com blusas de seda num dos tons. Carven. Vestido romântico de Balmain em cetim escossês branco e preto de Staron. Corpo a abotoar ao lado. Veludo preto no cinto com pontas com uma rosa em cor de rosa pálido a rematar. Modelo Staebe-Seger estilo império em cetim rosa com encaixe bordado a pedrarias. (à esquerda). À direita um lindo modelo de Brokat de sarjão de seda em espinha rosa e azul escuro aberto sobre um fundo de tafetá azul marinho. Sandálais de Roger Vivier de pelica nacarada de rosa com solas incrustadas de nácar (madrepérola) da mesma cor.





4

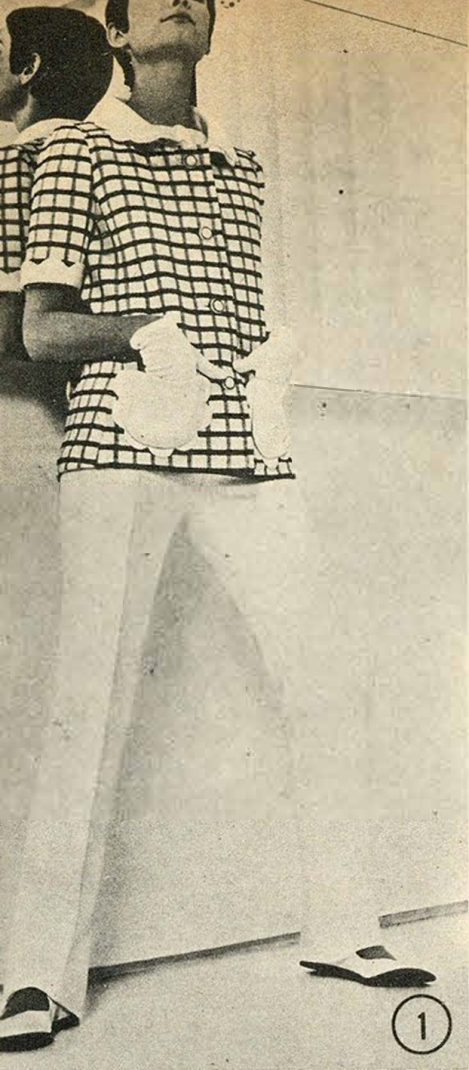


5

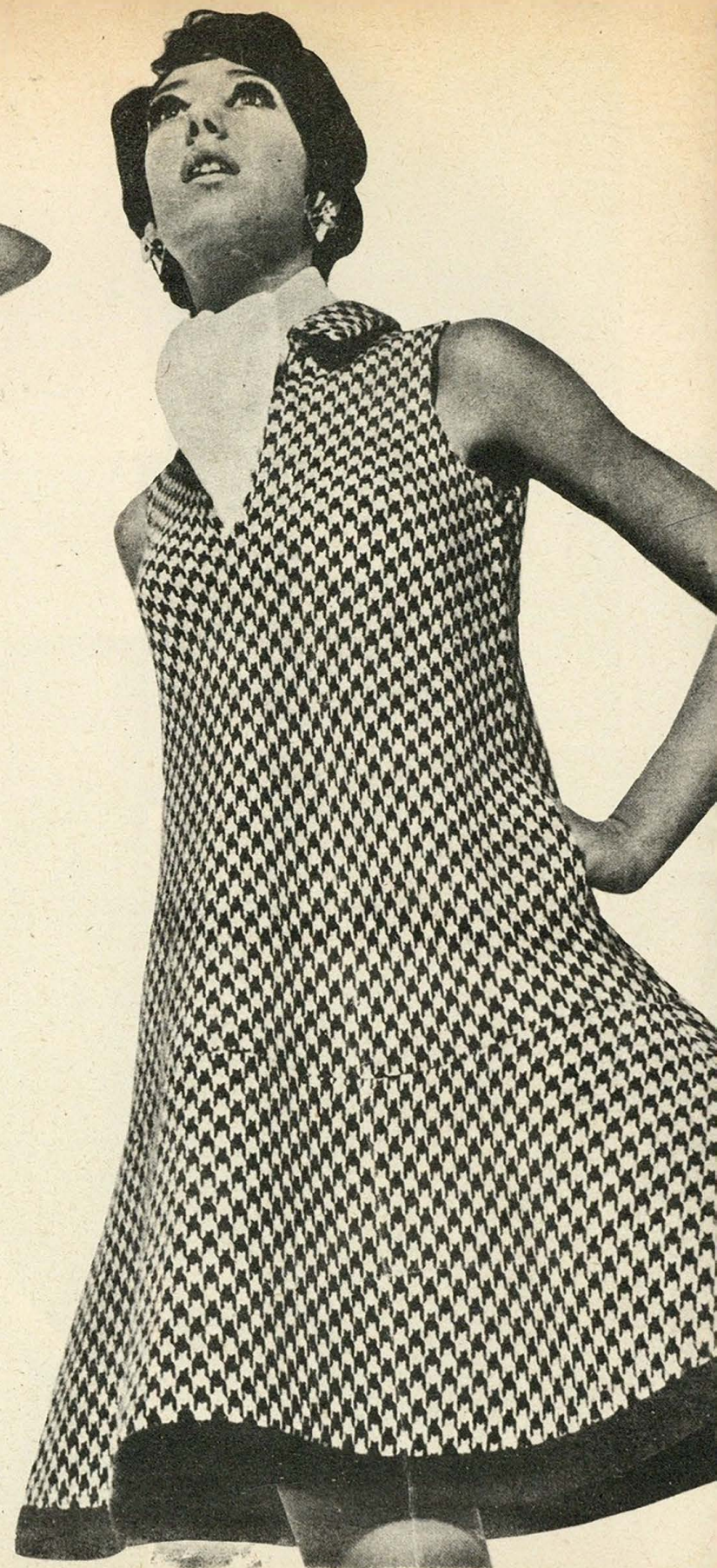
PARA PRAIA E CRUZEIROS

Conjunto de cruzeiro em vermelho e azul escuro apresentado por Simpsons de Picadilly no recente «show» de Londres de moda marítima. Courrèges torna-se mais feminino mesmo quando apresenta calças. Aqui temos umas calças de gabardina branca acompanhadas de gracioso casaquinho também de gabardina branca quadriculada de azul marinho com gola, punhos e bolsos de fustão branco recortado.

A esquerda, um modelo de vestido-calça de Dior, em gabardina escocesa azul marinho, amarelo e branco. Encaixe, canhões e debrum da saia de coiro azul marinho. A direita um vestido que dança, novo estilo de Patou, em «pied-de-poule» branco e cinzento. A parte de baixo é um grande folho, chato, cortado a jeito, debruado de cinzento. Écharpe de piqué branco no pescoço.



3



PARA AS SENHORAS MENOS JOVENS E MENOS MAGRAS



1 Vestido de cintura descida acentuada por pespontos. Mangas a 3/4 com pequenas pinças e botões guarnecendo o corpo.

2 Feliz interpretação do vestido camiseiro adelgaçante: direito, marcado por pinças na frente, cintura ao centro, fechando a «beijar». Pequena gola, botões e laço como guarnição.

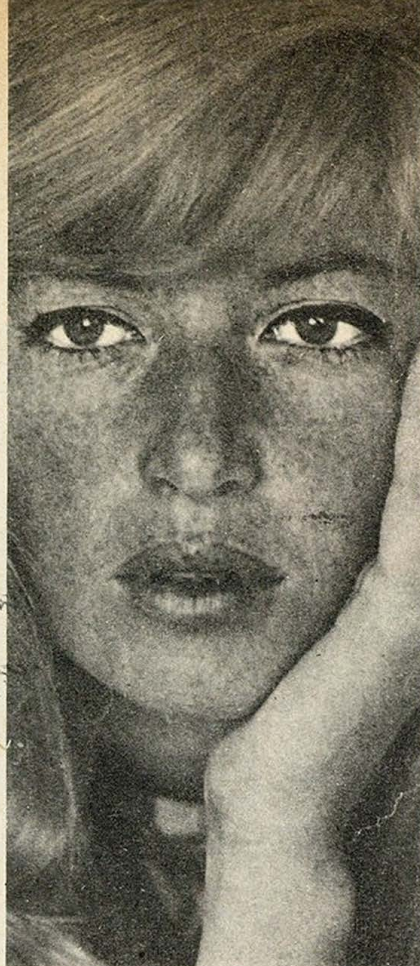
3 Vestido que alonga a silhueta, muito simples, de mangas 7/8 com gola e toda a frente debruados de galão de seda e botões forrados do mesmo.



OS TRUQUES DE BELEZA DAS GRANDES VEDETAS



Serem belas, sempre cuidadas, sempre impecáveis, é, para as vedetas, um problema de consciência profissional. A sua aparência contribui para o seu triunfo e elas consagram-lhe mais tempo e mais reflexão, do que a mais coquette das mulheres. A fim de extrair o máximo possível dos seus dons, todas elas descobriram truques que hoje vos oferecem.



JEAN SHRIMPTON...

«Molho todas as manhãs a franja e mantenho-a meia hora apertada com uma fita. Deste modo mantém-se bem direita o dia inteiro».

SOFIA LOREN

«Maquillo muito os olhos porque isso me diminui o nariz, que tenho grande. Gosto de me bronzear; fica-me bem. Debruo as pálpebras de branco porque assim parece que os olhos me ficam maiores. A fim de manter os cabelos lisos e «flous», escovo-os todas as noites em sentido inverso e faço o risco do lado oposto àquele que uso durante o dia».

CATHERINE DENEUVE

«Não uso água calcárea, que seca e irrita a pele. Uso sempre água pura, gelada, antes de aplicar um tónico».

MICHELE MORGAN

«Para me pentear, enfio a escova numa meia de «nylon» que já não uso. Laca e poeiro agarram-se às malhas de «nylon» e fico com os cabelos brilhantes e limpos».

JEANNE MOREAU

«A limpeza da pele tem uma grande importância, todos o sabem. O método que emprego é clássico mas passo na pele uma, duas, três vezes o demaquilhante. Para bronzear, uso simplesmente o azeite puro».

MARIE LAFORET

«Sou uma fervorosa adepta do «suakh», um «Khöl» cinzento-azulado que se fixa muito bem. Traço uma linha ao longo da pálpebra inferior. À noite aplico-o também na pálpebra superior».

AVA GARDNER

«Mergulho as pálpebras num halo cendrado, ametista, que se harmoniza bem com uma pequena veia que me aparece a um dos lados do nariz».

MONICA VITTI

«Descoloro os cabelos em três tons de loiro (aplicando durante mais ou menos tempo a água oxigenada). Isto dá ao cabelo um ar vivo e natural».



Máquinas de costura • Radiadores e caldeiras para aquecimento central • Ferros de engomar • Caloríferos • Fogões de cozinha • Banheiras, lavatórios colectivos e outro material sanitário de ferro esmaltado • Marmitas e equipamento complementar para grandes cozinhas • Material para lavandarias • Bombas centrífugas e manuais • Tornos de bancada de ferro fundido • Ventoinhas para forjas • Motores de explosão de pequena cilindrada • Abrigos para bicicletas, motorizadas e motocicletas • Acessórios de ferro maleável para canalizações • Acessórios para linhas de alta tensão • Tubos para canalizações e outros usos • Obra de ferro fundido normal e de ferro maleável • Galvanização de artigos de ferro.

OLIVIA

INDÚSTRIAS A. J. OLIVEIRA, FILHOS & CA., LDA.

S. JOÃO DA MADEIRA



PRODUTOS *thetis*

thetix

HAIR-SPRAY E MISE

SILOVE

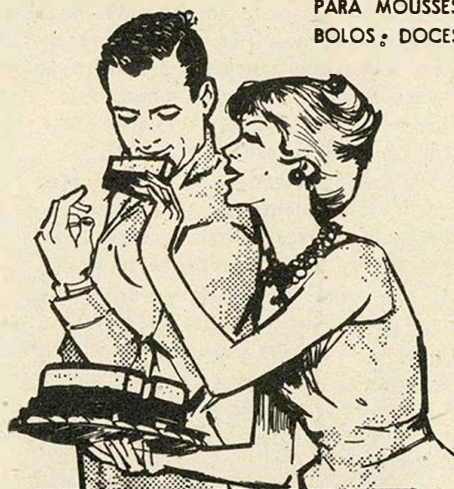
SOCIEDADE COMERCIAL
DE REPRESENTAÇÕES, LDA.

Rua D, à Alameda das Linhas
de Torres, 38 — LISBOA 5

Telef. 79 21 79

Teleg. SILOVE — LISBOA

PARA MOUSSES
BOLOS, DOCES



CHOCOLATE

Deauville

Regina



É o público quem o afirma, enchendo, meses a fio, todas as salas onde se exibem filmes da artista. Shirley Mac Laine é a melhor actriz de comédia do mundo. Shirley que ri por tudo e por nada, mas que também chora não poucas vezes... Shirley que é uma das mais bem pagas artistas do celulóide, pois ganha mais sózinha do que Liz Taylor e Richard Burton juntos... Shirley que é essencialmente feminina, como se depreende da resposta que deu a um jornalista francês, a propósito do filme «Sete vezes mulher» que, sob a direcção de Vittorio De Sica, acaba de rodar em Paris: Sete vezes mulher? Não, mil vezes!

Mais do que a actriz, é a Shirley Mac Laine mulher, simultaneamente estranha, simples e sedutora, que hoje vos apresentamos, através do interrogatório a que, recentemente, se sujeitou.

- Quando representou pela primeira vez?
- Tinha apenas quatro anos. Ao entrar no palco; tropecei e caí, o que fez o público rir à gargalhada.
- Tem filhos?
- Sachiko, uma rapariga com dez anos, que não aprecia a minha profissão e prefere estudar. Já fala cinco línguas.
- É ordenada?
- Não, sou extremamente desorganizada.
- Gosta de animais?
- Imenso! Em minha casa, perto de Los Angeles, tenho cães, gatos, peixes, pássaros e... tartarugas.
- É alcoólica?
- Não. Bebo sempre com moderação. Mas adoro vinho tinto.
- Come muito?
- Sim, gosto muito de peixe fresco com pimentos e, sobretudo, adoro macarrão. Mas o meu marido cozinha melhor do que eu...

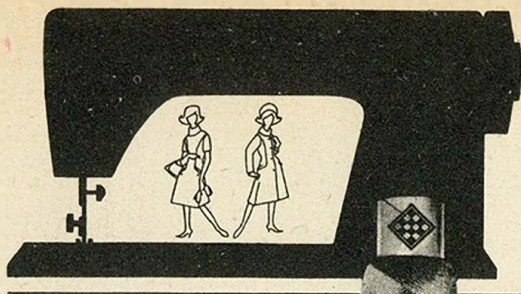
- Gosta de jóias?
- Oh, que horror!
- Gosta de andar de metropolitano?
- Não suporto. Provoca-me sempre a sensação de ter o mundo inteiro sentado na minha cabeça!
- Se pudesse voltar atrás no tempo, rectificaria alguma coisa da sua vida?
- Daria mais importância à minha educação. Tirando isso, faria tudo o que tenho feito, mas procurando viver ainda mais intensamente.
- É vaidosa?
- Não, mesmo nada.
- E colérica?
- Isso sim.
- Seria capaz de odiar ao ponto de matar?
- Impossível. Nem sequer sou rancorosa, pois penso que é demasiado tempo perdido.
- É desportista?
- Gosto muito de andar a pé e de dançar.
- Era boa estudante?
- Sim, mas o mais engraçado é que nunca compreendi como o conseguia. Só sei escrever à máquina...
- Tem medo da morte?
- Nada mesmo. Nem sequer penso nisso.
- Tem hábitos, tiques ou manias?
- Costumo roer as unhas, mas não tenho hábitos, nem horários. Tão pouco manias. O que é um pouco inquietante...
- Gosta de dizer: «Amo-te» ou que lho digam?
- Gosto de dizer: «Amo-te», se amo mesmo. É que é tão importante!
- Qual é o seu maior sonho?
- Continuar a respirar durante muito tempo.
- Considera-se bela?
- Não sei, nunca prestei atenção a esse por menor.

- O que é para si a beleza?
- A alma das pessoas.
- Qual é a mais bela mulher do mundo?
- A mais bela mulher do mundo muda todos os dias.
- Qual é o tipo de homem que prefere?
- Não tenho tipo definido. A beleza não é necessária ao homem. Para me agradar, é preciso, acima de tudo, que seja amável e atencioso.

Eu, Shirley MacLaine

- Qual é a sua principal qualidade?
- Procuo também eu ser amável e atenciosa.
- E o seu pior defeito?
- Desde que goste de alguém, sou capaz de fazer tudo por essa pessoa.
- Quando se torna um homem ridículo aos seus olhos?
- A partir do momento em que perde a sua dignidade.
- Qual é a mais bela recordação da sua vida?
- Tinha sete anos. Era de manhã, o sol brilhava e eu ia sózinha para a escola. De repente, sobre uma árvore, vi uma linda borboleta. A borboleta bateu as asas e voou para longe. Nesse momento, acreditei que a borboleta era eu.
- E a pior recordação?
- Tenho uma válvula de segurança que me faz esquecer os maus momentos. Qualquer coisa na minha consciência me faz perder a memória para essas coisas...
- Chora facilmente?
- A cada passo...
- É indelicada?
- Posso ser muito indelicada para com as pessoas que detesto.
- Acredita em fantasmas?
- Não, gosto muito de dormir...
- É supersticiosa?
- Não, sou demasiado realista.
- É mentirosa?
- Nunca minto. Falta-me energia para isso. Por vezes, limito-me apenas a ser um pouco diplomata com a verdade.
- É púdica?
- Sim, no Inverno.
- É a favor ou contra o nudismo?
- No Inverno, sou contra.

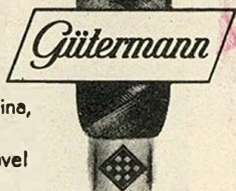




Torçal e reiroz GÜTERMANN, o fio de seda elástico e resistente, à venda em 360 cores.

Cosa com seda

Quer à mão, quer à máquina, a costura feita com seda GÜTERMANN fica impecável



Dentes postiços que se soltam não necessitam causar vergonha

Muitos portadores de dentaduras postiças têm sofrido verdadeiros aborrecimentos, porque a placa caiu, soltou-se ou moveu-se justamente no momento menos indicado. Não viva no constante receio de que isto lhe possa acontecer. Polvilhe a sua placa apenas com um pouco de DENTOFIX, o pó alcalino (não ácido). Ampara os dentes postiços mais firmemente, de modo que os mesmos proporcionam maior conforto. Não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Peça Dentofix em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

PROBLEMAS DA MULHER

Página 29

se pode dizer, de... século a século — quer pela solução dada a certos problemas sociais e humanos que a divergência das posições ideológicas fazem ver de modo muito diverso e por vezes totalmente antagónico.

De qualquer modo, é um verdadeiro monumento jurídico. E a maior parte dos profissionais do foro objectivos e desapaixonados reconhecem-lhe, pelo menos, as virtudes formais de uma excelente ordenação de matérias e de uma admirável clareza.

É óbvio que, num primeiro artigo, a abarcar o conjunto, temos de ficar em generalidades.

Aliás o Código não se refere muitas vezes aos direitos e obrigações da mulher, porque foi feito para todos os portugueses, para a generalidade dos cidadãos, cujo sexo só num reduzido número de casos origina diversidade de tratamento jurídico.

Evidentemente, que não estivemos a «catar», nos 2334 artigos do Código, aqueles que se

(Continua na pag. 69)



AGORA...

BUSCH

Apresenta a

NOVA DUPLA SUPER-AUTOMÁTICA

INTEIRAMENTE METÁLICA E COM SENSACIONAIS INOVAÇÕES

O NOVO MODELO M-360 DA MÁQUINA DE TRICOTAR **BUSCH** NÃO É APENAS UMA MÁQUINA DUPLA MAS SIM DUAS MÁQUINAS N U M A S O

PODENDO IGUALMENTE TRABALHAR COMO MÁQUINA SIMPLES

VEJA HOJE MESMO UMA DEMONSTRAÇÃO NOS DISTRIBUIDORES:

Soc. de Rep. **SIDA - SUECA, limitada**

DEPARTAMENTO DE VENDAS **BUSCH**

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15 - D • Telef. 733111 • LISBOA



MEX

10 PENSOS HIGIÉNICOS SOLÚVEIS 10\$00

Peça nas casas de especialidade ou ao Distribuidor: C. Santos Carvalho

Tel. 77 30 29 — Apartado 1096 — Lisboa
Amostras grátis

referem à mulher. Apenas deparamos com pouco mais de uma dúzia, e estamos convencidos de que não chegam ao quarteirão.

Não se admirem contudo as leitoras, nem se julguem desconsideradas pelo legislador... Não tem o sexo feminino caminhado decididamente para a emancipação da dependência, em que secularmente se encontrou, do poder paternal e do poder marital? Tomem portanto como de bom agúrio a circunstância apontada.

E isto leva-nos a uma conclusão um tanto imprevista. Sendo, afinal, muito restrita, no novo Código, a matéria dispositiva sobre a mulher, se os leitores não colaborarem connosco, pondo-nos problemas e fazendo-nos perguntas, temos... pouco pano para mangas, ao contrário do que se poderia supor.

É sobretudo do Livro IV, intitulado **Direito da Família**, o qual vai do artigo 1576 ao artigo 2023, inclusive, que haveremos de ocupar-nos.

Mas isso fica para a nossa colaboração de Julho, pois embora agrupada por assuntos a respectiva problemática, este artigo não dava para versar qualquer deles. Tinham de ficar em meio os nossos esclarecimentos, o que é evidentemente mau sistema.

A partir do próximo número abordaremos, entre outras, questões diversas, todas relativas à **mulher casada**: à sua **residência**; ao seu **direito ao nome**; à **desnecessidade** da autorização marital para diversos fins, qual deles mais importante; ao **governo doméstico**; à **administração de bens**; ao **regime de dívidas**, etc.

F. H. C.

naquilo que se não vê. Daí os aplausos que o RTP merece: uma boa divulgação no cumprimento de um dos seus múltiplos fins.

E como que o querer desfazer-se no intróito que me permiti, também os Estúdios do Lumiar nos ofereceram uma razoável Noite de Teatro com um «Frei Luís de Sousa» que (embora muito visto) revelou desejo de agradar e a que terá faltado apenas um pouco mais de ritmo inicial e arrojado de encenação.

Uma palavra ainda para «Studio Europa» um programa de Variedades vindas da Alemanha (porque se não aprenderá com tão bons exemplos?), com preciosas indicações para os nossos realizadores.

Não pode ficar sem citação a boa reportagem que a Radiotelevisão Portuguesa proporcionou aos seus fiéis espectadores na manhã de 13 de Maio. Bastará dizer que a transcendência do acontecimento que então se fixava foi bem compreendida pela RTP. que se não poupou a esforços para que o seu registo resultasse em cheio como realmente se verificou.

Em quinze dias quatro bons assuntos é muito pouco para quem transmite durante nove horas diárias. Mas...do mal o menos. Sempre dá para esquecer a «magia» de um carrocel que rodopia demasiado...

O mundo internacional da Moda em Sines. Modelos masculinos e femininos vindos de França, Holanda e Finlândia reuniram-se em Sines com uma equipa de fotógrafos para apresentar novos figurinos. A iniciativa é da «Wool-

CARREIRAS DE LISBOA

para

MADEIRA

e

AÇORES

CONTACTE COM O SEU AGENTE OU

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Rua Augusta, 152

Telef. 37 03 41

LISBOA - 2

Fins de semana inolvidáveis, com partida às 5.^{as} feiras e regresso às 2.^{as}!
Preços a partir de 1.074\$00

Oferece o melhor serviço marítimo.





TINGIR EM CASA
 todos os tecidos
 só com
TINTAS DA MARCA
"RAPOSA"

A MARCA QUE DOMINA


TINTAS A QUENTE (44 cores)
 Carteira, para tingir 350 grs. 3\$00
 de tecido, cada
 Caixa, para tingir 350 grs. 3\$10
 de tecido, cada
TINTAS A FRIO (40 cores)
 Carteira, para tingir 200 grs. 1\$90
 de tecido, cada
DESCORANTE
 Frasco, para tirar as cores aos
 tecidos, cada 9\$00
 A venda em todas as drogarias
 do País
 Revenda:
SCHROETER & ALMEIDA — RUA
DA MADALENA, 128, 2.º — LISBOA
TELEFONE 2 06 49

**NÃO SOFRA
 MAIS**



Milhares de êxitos se devem ao **ACREDITADO «HERPETOL»**, especialidade líquida valiosa para as **DOENÇAS DE PELE**. Provoca um imediato bem-estar. Inúmeros atestados comprovam a eficácia do precioso **HERPETOL** para todas as doenças da pele: **ECZEMAS** (húmido e seco), crostas, chagas, erupções, mordeduras de insectos, etc. Cuidado com as imitações! Até ao presente não há especialidade superior ao **HERPETOL**.

Cozinha Regional Portuguesa
UM LIVRO SENSACIONAL
 À venda em todas as livrarias

ESTA REVISTA É TRANSPORTADA PARA TODO O PAÍS NOS COMBOIOS DA 

mark» e o Secretariado Internacional da Lã encarregou-se desta operação «grande mada», acrescentando-lhe um modelo português: a pequenita Ana Catarina. 110 modelos talhados em lã vão ser passados em Sines para a realização de filmes comerciais que correrão o mundo inteiro.

Contratempo a anotar: vindos da Áustria, desapareceram misteriosamente no aeroporto de Francfort alguns vestidos destinados às filmagens. Aqui, mais uma vez, a lã é o segredo...

HAUDREY HEPBURN
 Página 31

doce e vivo. E no entanto, nas fotos recentes mostra-se, como vêem, muito 1967.

Esta juventude não é uma aparência mas uma juventude real. É, para começar, um estado de espírito, depois a consequência de uma vontade firme.

As regras de conduta de Audrey são simples. Ela é continuamente diferente sem deixar de ser a mesma.

AINDA ESTÁ A TEMPO

Leia o número especial da Primavera de **eva** um magazine tão bom como o melhor estrangeiro

À VENDA EM TODO O PAÍS

NADAR
 NADAR
 NADAR
 NADAR
 NADAR
 NADAR
 NADAR
 NADAR
 NADAR
 NADAR



Nadar em qualquer altura

Não se deixe afastar da frescura da água, do divertimento e do sol.

Nade em qualquer altura com



PEÇA UMA AMOSTRA A:
ANTÓNIO PACHECO AGOSTINHO, L.D.A.
 R. RODRIGUES SAMPAIO, 15. 2.º - LISBOA

Seja
assinante
da
eva

"CAMPAÑA DA PRIMAVERA"

- Gosto deste número do «Eva»? Então gostará também dos outros números mensais do nosso revista pois serão, pelo menos, tão bons como este.
- E dos números especiais trimestrais, de que saiu agora o primeiro número? Certamente já o viu e naturalmente também gostou, embora tenho característicos totalmente diferentes destes números mensais.
- E quem não aprecia o famoso número do Natal, o que dá vivendas ou andares completamente mobilados e decorados, automóveis e centenas de outros prémios de grande valor?
- POIS BEM. VAMOS PROPORCIONAR-LHE UMA OPORTUNIDADE ÚNICA DE TER EM SUA CASA TODOS OS MESES, TODOS OS TRIMESTRES E AINDA PELO NATAL, A SUA REVISTA: A «EVA».

APENAS POR 100\$00 ANUAIS

o que representa um desconto de mais de 20 %, ficará sendo assinante, com direito a todos os números normais e especiais da nossa revista.

E AINDA MAIS:

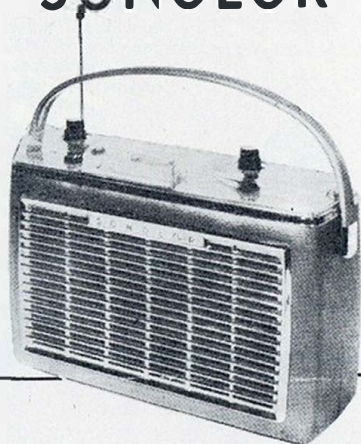
- TODAS AS PESSOAS QUE SE FIZEREM ASSINANTES DA «EVA» NO DECORRER DA NOSSA «CAMPAÑA DA PRIMAVERA», OU SEJA ENTRE O DIA 1 DE MAIO E 30 DE JUNHO FICARÃO AUTOMATICAMENTE HABILITADAS, ALÉM DOS PRÉMIOS DE CADA UM DOS NÚMEROS ESPECIAIS, A MAIS OS SEGUINTE SENSACIONAIS BRINDES, A SORTEAR EXCLUSIVAMENTE ENTRE OS ASSINANTES REGISTADOS DURANTE A «CAMPAÑA»:

6 Rádios transistores "SONOLOR"

SEIS BRINDES ESTUPENDOS, VALENDO CADA UM MAIS DE ESC. 2.000\$00

UMA REPRESENTAÇÃO DA SIDA-SUECA, L.ª
R. S. NICOLAU, 44-48 — LISBOA

NÃO DEIXE DE SE INSCREVER JÁ COMO ASSINANTE DA «EVA», A SUA REVISTA! REMETA HOJE MESMO UM VALE DO CORREIO, CHEQUE OU UMA NOTA EM CARTA REGISTADA, PARA A ADMINISTRAÇÃO DA «EVA»
— LARGO TRINDADE COELHO, 9-2.ª — LISBOA





a
WOOLMARK
garante o segredo da melhor lã
PURA LÃ VIRGEM*



A WOOLMARK é o símbolo mundial de qualidade para os artigos de pura lã virgem. Isso significa que ela é uma garantia para os consumidores que ao adquirirem **malhas de pura lã virgem** desejam usar o que distingue a melhor e a mais bela lã produzida no mundo: suavidade, conforto, elasticidade e riqueza permanente das cores. A WOOLMARK é cientificamente controlada e defendida pelo Secretariado Internacional da Lã, organismo independente e imparcial.



CONFIE NA WOOLMARK

PURA LÃ VIRGEM
natural, leve, inimitável

*
É pura lã porque não tem
mistura de outras fibras:
é lã virgem porque
não foi recuperada de artigos
já usados. Ela conserva
assim todas as
suas qualidades naturais.